



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

KAROLINE ANDRADE PEREIRA

REOPÇÃO DE CURSO NO ENSINO SUPERIOR: revisão de literatura de 2004 a 2019

SÃO LUÍS - MA

2019

KAROLINE ANDRADE PEREIRA

REOPÇÃO DE CURSO NO ENSINO SUPERIOR: revisão de literatura de 2004 a 2019

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para obtenção título de Psicóloga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Rosane de Sousa Miranda

SÃO LUÍS-MA

2019

Andrade Pereira, Karoline.

REOPÇÃO DE CURSO NO ENSINO SUPERIOR: : uma revisão de literatura de 2004 a 2019 / Karoline Andrade Pereira. - 2019.

62 f.

Orientador(a): Rosane de Sousa Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2019.

1. Orientação Profissional e de Carreira. 2. Psicologia Escolar e Educacional. 3. Reopção de curso. I. de Sousa Miranda, Rosane. II. Pereira, Karoline. III. Título.

KAROLINE ANDRADE PEREIRA

REOPÇÃO DE CURSO NO ENSINO SUPERIOR: revisão de literatura de 2004 a 2019

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para obtenção título de Psicóloga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Rosane de Sousa Miranda

Aprovada em: 01/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Rosane de Sousa Miranda – UFMA (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Áurea Pereira Silva – UFMA

Psic. Ms. Adauto de Montenegro Vasconcelos – UFC

Prof.^a Dr.^a Natalia Rodovalho Garcia Menescal – UFMA (Membro suplente)

UM AMOR, UMA CARREIRA, UMA REVOLUÇÃO:
OUTRAS TANTAS COISAS QUE SE COMEÇAM SEM
SABER COMO ACABARÃO.

(JEAN-PAUL SARTRE)

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós, Vicentina e Flávio, que me criaram como filha, me amaram, me ensinaram sobre respeito, dignidade, perseverança e tantas outras lições que jamais esquecerei. À meu tio, Jackson, um verdadeiro irmão mais velho, protetor e acolhedor. Aos meus pais, Waldeci e Clotildes, pelo apoio e carinho mesmo estando longe e aos meus irmãos, Willyane, Rafael, Leyane e Iohan, que tanto amo mesmo sendo uma irmã ausente. Eu amo vocês!

Aos Garcia, especialmente José e Hortência, o primeiro por me receber tão bem todos esses anos em sua casa e me fazer sentir como se estivesse na minha própria e a segunda pela forte, leal e linda amizade que já dura mais de dez anos e espero que jamais acabe. Tenho você, Hortência, como uma irmã mais velha que é chata quando precisa ser, acolhedora quando eu preciso, atenciosa, protetora e rabugenta. Obrigada pelo companheirismo, por compartilhar a vida comigo, os gostos musicais, principalmente a Pitty, e o amor por animais.

À Fernando Henrique, meu companheiro há quase sete anos, que acompanhou toda a minha angústia como vestibulanda, como graduanda e, agora, como formanda. Além de estar comigo durante todo o drama da vida cotidiana. Obrigada por sempre me apoiar, ouvir minha lamúrias, embarcar nas minhas ideias loucas e por se preocupar comigo. Eu te amo!

Agradeço aos meus sogros, Vilma e Juvenil, e a meu cunhado, Pedro, por me receberem tão bem todos esses anos, pelos almoços de domingo, pelos passeios a praia todo início de ano que já se tornaram tradição e por aceitarem Judite, a gata.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Cláudia Aline, com quem estive desde o 4º período do curso, por todo o conhecimento passado, por todas as experiências compartilhadas, por ser uma professora, mulher, enfim, pessoa, atenciosa, cuidadosa e ética. Obrigada por todo acolhimento e por me fazer entender o quão forte e linda é a profissão de docente e de Psicóloga.

Agradeço a Edson, Sarah, Mariana, Francis, Rebeca e, especialmente José David e Adriana Benvinda, pessoas maravilhosas que o Plantão Psicológico colocou em minha vida, outras que ele aproximou.

Às professoras do Departamento de Psicologia/UFMA, especialmente Carla Vaz, Maria Àurea e Rosana Éleres pelos ensinamentos, orientações e risadas. Agradeço à Rosane Miranda, minha orientadora, pelo companheirismo, pela paciência, pelo carinho emanados nesses últimos meses e por compartilhar as fotos dos seus bichinhos comigo, encontrei na senhora uma amiga. Muito Obrigada!

Às amigas que fiz na Psicologia, aos amigos que compuseram a turma 31 comigo, especialmente Yasmim Queiroz, Matheus Castro, Adeibson Araújo, Tarciany Paiva, Gabriela Gomes, Bianca Almeida e Valéria Assunção.

Por fim, agradeço aos animais que já passaram pela minha vida, que foram muito importantes pra mim, especialmente Band, minha primeira cachorra e que está presente em grande parte das minhas memórias felizes da infância, aos gatos Faísca e Fumaça, Hadija, Bola de neve, Robinho e à Mileide. À Taurus, meu último cachorro, sinto muito a sua falta.

RESUMO

A reopção de curso no ensino superior é um fenômeno que tem ganhado consistência nos últimos anos e que se relaciona à ampliação do sistema de ensino superior, assim como evidencia lacunas no sistema de ensino básico. Além disso, fomenta discussões a respeito de aspectos complexos desde questões políticas e socioeconômicas à características relacionadas construção da personalidade e os diversos elementos que a influenciam. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão da produção científica publicada no período de 2004 a 2019 sobre a reopção de curso no ensino superior. A fim de atingir tal propósito, foram estabelecidos, como objetivos específicos: identificar o perfil das publicações e sistematizar aspectos abordados pelos autores – impactos familiares, institucionais e pessoais. Utilizou-se as bases de dados Scielo, Pepsic, Portal de Periódicos CAPES e o Google Acadêmico com os seguintes descritores: reopção de curso, mobilidade estudantil, orientação profissional, re-escolha profissional e redirecionamento de carreira. A partir dos critérios estabelecidos para delimitar o universo da pesquisa, foram obtidos sete artigos. Os resultados demonstraram que o tema desperta interesse de profissionais de diversas áreas além da psicologia como, por exemplo, a educação e a engenharia. Constatou-se também o predomínio do caráter empírico das publicações. Quanto ao enfoque dado pelas pesquisas, elas abordaram aspectos familiares – influência de pais e irmãos, pressão no processo de escolha, o medo de decepcionar essas figuras de referência e o consequente isolamento vivenciado pelos indivíduos em processo de reopção; institucionais - funcionamento dos cursos, relações estabelecidas e a existência ou ausência de serviços de apoio; e aspectos pessoais como as reprovações em disciplinas, o desconhecimento de si, da profissão e do mercado de trabalho, elementos encontrados de forma mais ou menos evidente em todos os trabalhos analisados. Por fim, verificou-se que a Orientação Profissional e de Carreira apresenta arcabouço teórico e metodológico que pode contribuir para a discussão e a intervenção no âmbito da reopção de curso no Ensino Superior. Além disso, constatou-se a necessidade de mais trabalhos acerca da reopção de curso que adotem os impactos a longo prazo na vida dos sujeitos, possibilitando ações preventivas.

Palavras-chave: Orientação Profissional e de Carreira. Reopção de curso. Psicologia Escolar e Educacional.

Abstract

The reoption of a graduation course is a phenomenon that has gained consistency in the last years and relates to the increase of the university education, as well as it highlights gaps in the basic education system. Furthermore, it also promotes discussions about personality building and the diversity of elements that influence it. Therefore, this study aims to perform a review of published scientific production between the years of 2004 to 2019 about reoption of a graduation course. In order to achieve this purpose, were set as specific objectives: identify the profile of studies and systematize aspects addressed by the authors – family, institutional and personal impacts. From the criteria established to delimit the research universe, seven articles were found. The obtained results showed the debate arouses the interest of professionals from various areas besides psychology, such as education and engineering. There was also an predominance of an empirical character in the publications. Regarding the focus given by the research, they addressed family aspects - influence of parents and siblings, pressure in the choice process, fear of disappointing these reference figures and the consequent isolation experienced by individuals in the process of reoption; institutional – the operation of the undergraduate courses, established relationships and the existence or absence of support services; and personal aspects such as failures in subjects, lack of self knowledge, unfamiliarity with the profession and the labor market, elements more or less evident in all the analyzed articles. Ultimately, it has been found Professional and Career Orientation presents theoretical and methodological framework that can contribute to the discussion and intervention in this area. In addition, it was noted the need for more studies about graduation coursed reoption that assess the long-term impacts on the individuals' lives, enabling preventive actions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Autores, títulos dos trabalhos e bases de dados.....	22
Quadro 2 - Formação dos autores.....	24
Quadro 3 – Tipo de pesquisa	25
Quadro 4 - Quantidade de trabalhos encontrados por ano.....	26
Quadro 5 – Principais aspectos abordados	27

LISTAS DE SIGLAS

EAD – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

GAPS – GRUPOS DE APOIO PEDAGÓGICOS

IES – INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

FIES – PROGRAMA DE FINANCIAMENTO ESTUDANTIL

OP – ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

PROUNI – PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS

SISU – SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

IBGE – INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

REUNI – PROGRAMA DE APOIO A PLANOS DE REESTRUTURAÇÃO E EXPANSÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS

ENEM – EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

PEPSIC – PERIÓDICOS ELETRÔNICOS DE PSICOLOGIA

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

SCIELO – A SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ABOP – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

PNE – PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ISOP – INSTITUTO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	16
2.1 Objetivo Geral	16
2.2 Objetivos Específicos	16
3 METODOLOGIA.....	17
3.1 PROCEDIMENTOS	17
3.1.1 BUSCA DA LITERATURA E INSTRUMENTOS UTILIZADOS	17
3.1.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	19
3.1.3 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	19
3.1.4 TRIAGEM	19
3.1.5 ANÁLISE DOS DADOS	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	21
4.1 Perfil das publicações	21
4.2 Aspectos abordados pelos autores	27
4.2.1 Breve discussão sobre Orientação Profissional.....	28
4.2.2 Aspectos familiares	32
4.2.3 Aspectos institucionais.....	36
4.2.4 Aspectos Pessoais	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A educação básica, conforme o capítulo III da Constituição Brasileira de 1988, caracteriza-se como uma das obrigações do Estado para com o seu povo. Nesta modalidade, a educação privada, de acordo com o artigo 209 da Constituição, também é uma possibilidade para aqueles com baixo poder aquisitivo, mesmo que esta se faça presente de forma tímida, uma vez que 73,5% dos estudantes da Educação Básica estão matriculados em escolas públicas e apenas 26,5% em instituições privadas (BRASIL, 1988).

Contudo, apesar da obrigatoriedade da oferta pelo Estado da educação básica gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade (BRASIL, 1996), tem-se atualmente uma parcela significativa da população fora do ambiente educacional formal. No ano de 2016, mais de 51% da população adulta possuía apenas o Ensino Fundamental completo. Sendo que, no Nordeste, 52,6% desta população não havia concluído nem este nível de ensino, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016).

Já em relação ao Ensino Superior, no mesmo ano, os dados eram ainda mais alarmantes. Apenas 15,3% da população possuía diploma de graduação. Nesse nível de ensino não há mais a obrigatoriedade por parte do Estado em oferecer educação à população, assim, os dados se invertem: 74,3% dos estudantes foram matriculados em instituições privadas e 25,7%, na rede pública (IBGE, 2016).

Diante disso, a rede privada se expande e o ingresso no ensino Superior Público passa a ocorrer por meio de seleção, visto que não são ofertadas vagas que contemplem toda a população.

Todavia, programas governamentais foram criados a fim de possibilitar tal inserção, tais como o Programa Universidade para Todos - PROUNI que concede bolsas de estudos integrais e parciais para pessoas de baixa renda, em instituições privadas de Ensino Superior, e o Programa de Financiamento Estudantil - FIES. Houve ainda a expansão do Ensino Superior Público por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI (LEDA; MANCEBO, 2009).

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que ocorre desde 1998, é atualmente a principal porta de entrada para instituições de Ensino Superior públicas e privadas do país. O exame é feito para avaliar os alunos do Ensino Médio e, desde 2009, utilizado como meio de seleção para as instituições de Ensino Superior (BLOWER, 2018).

Contudo, a gratuidade do ensino nas instituições públicas não consiste em uma garantia de que o aluno irá terminar o seu curso, conforme mostram as taxas de evasão dos

últimos anos. Em 2009, a taxa de evasão no Ensino Superior correspondeu a 20,9% (NOGUEIRA, 2011).

Quanto aos ingressantes do ano de 2010, metade abandonou ou trocou de curso. No Nordeste, o índice de desistência – saída do curso antes de sua conclusão em virtude, por exemplo, de troca de turno, mudança de instituição ou mesmo de curso, ou seja, não necessariamente o abandono do ensino superior - foi de 52,8% (CASAES, 2018). Estudos apontam que o abandono ou a troca de curso tem sido por motivado por situações financeiras, não identificação com o curso, expectativas frustradas, relação com a instituição, alto índice de reprovações nas disciplinas, relações familiares, desconhecimento sobre o mercado de trabalho, entre outras questões (SILVA FILHO; MOTEJUNAS; HIPÓLITO; LOBO, 2007; CAMPOS; SEHNEM, 2015; MALKI, 2015).

Assim, um fenômeno emerge nesse contexto: a reopção de curso de graduação. Conceituada por Ristoff (1995 apud BRASIL, 1996) como mobilidade, ou seja, mudança do aluno de um curso de graduação para outro, o fenômeno não implica em abandono do Ensino Superior. A reopção, ou re-escolha, suscita questões relacionadas à escolha profissional e aos fatores que a permeiam, mostrando-se como um campo possível para atuação do psicólogo no Ensino Superior, especialmente a partir da perspectiva da Orientação Profissional (SOARES; LISBOA, 2018).

O processo de saída do Ensino Médio é marcado por fortes cobranças da sociedade quanto às escolhas profissionais dos recém-formados. A entrada no Ensino Superior é uma possibilidade amplamente empregada como necessária para uma vida de sucesso profissional e realizações financeiras – o que exerce grande influência na forma como a educação tem sido tratada pelas instituições de ensino privadas, voltada para a aprovação em vestibulares, tendo em vista que apesar do incentivo por parte do governo para ingresso nas Instituições de Ensino Superior – IES, a maioria dos jovens que adentram esses espaços são oriundos de camadas socioeconomicamente favorecidas da sociedade (TOLEDO; PRATA, 2019).

A cada quatro alunos de classe média que prestam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), um consegue aprovação. Em relação aos alunos de classe média baixa, um a cada seiscentos consegue o mesmo resultado (TOLEDO; PRATA, 2019).

A visão da educação como mercadoria, o foco apenas em aprovações que são transformadas em números e utilizadas em campanhas publicitárias, implica no empobrecimento do ensino que não busca a formação de cidadãos conscientes e críticos das questões de seu entorno, mas a formação de calouros que pouco sabem sobre os cursos que escolheram – a grade curricular, as áreas de atuação e o mercado de trabalho, por exemplo. As

escolhas parecem ser baseadas em visões equivocadas das profissões, influenciadas pela mídia, por pares e/ou familiares (MAGALHÃES; REDIVO, 1998; SPARTA; GOMES, 2005; BARDAGI; HUTZ, 2009; CAMPOS; SEHMEN, 2015).

Aliado a esse despreparo para a escolha profissional encontra-se o leque de profissões existentes atualmente, assim como a facilidade da experimentação, materializadas pela possibilidade de escolher duas opções de curso no primeiro semestre, e a nova abertura do Sistema de Seleção Unificada - SISU na passagem do primeiro para o segundo semestre de cada ano (BRASIL, 2012). Todavia, essa mudança não implica simplesmente em um recomeço para o graduando, pode ter consequências na sua subjetividade.

O processo de reopção de curso implica em autorreflexão e em autocrítica quanto à escolha anteriormente realizada que, posteriormente, é avaliada como equivocada, assim como acarreta interrupção do investimento emocional feito no curso, quebra de idealizações de seu futuro, podendo levar o indivíduo à insegurança na tomada de decisões, ao sentimento de fracasso, à incompetência, impactando a sua autoimagem (MOURA; MENEZES, 2004; BARLEM et. al, 2012).

Outro ponto a ser destacado diz respeito à mudança de curso não configurar-se como garantia de que o aluno concluirá essa nova opção de graduação, visto que a reopção, no caso do SISU, é realizada em um período inferior a seis meses, onde, muitas vezes, o jovem lança mão dos mesmos critérios utilizados para a primeira escolha, desconsiderando uma gama de fatores diretamente relacionados à conclusão, tais como econômicos, emocionais, familiares, sociais, entre outras questões que podem levar o indivíduo a um ciclo de recomeços, e posterior abandono do Ensino Superior.

Os impactos de tantas mudanças poderão ser notados, também, no mercado de trabalho com o avanço na idade dos recém-formados, o que influencia na conquista da independência financeira desses indivíduos, na saída da casa dos pais, ou seja, é um fenômeno que intervém nas configurações familiares da sociedade contemporânea.

Além disso, a reopção, que se configura como uma forma de evasão, possui consequências financeiras para os cofres públicos. Considerando que o custo de um estudante em uma instituição pública chega a R\$ 15 mil ao ano, e que a porcentagem de jovens que interromperam a sua trajetória universitária chega a 21% em 2009, o equivalente a 900 mil estudantes – o resultado desse cálculo pode ser assustador se considerarmos que o investimento feito não terá retorno (NOGUEIRA, 2011; NADAI, 2017).

Todavia, as reopções não podem ser vistas apenas como desperdício, de tempo ou dinheiro, como interrupções dos investimentos emocionais ou provas de que o graduando

necessita de auxílio externo. O fenômeno também é visto como “resultado de um amadurecimento pessoal e vocacional que pode ser propiciado pela própria vivência universitária” (BARDAGI; HUTZ, 2005, p. 286).

Ristoff (1995, apud BRASIL, 1996, p. 19), pontua que

Parcela significativa do que chamamos evasão, no entanto, não é exclusão, mas mobilidade, não é fuga, mas busca, não é desperdício, mas investimento, não é fracasso - nem do aluno nem do professor, nem do curso ou da instituição - mas tentativa de buscar o sucesso ou a felicidade, aproveitando as revelações que o processo natural do crescimento dos indivíduos faz sobre suas reais potencialidades.

A autora desse estudo vivenciou as dificuldades de adaptação a esse nível de ensino, assim como fez sua primeira escolha profissional sem conhecimento aprofundado do curso de graduação e sem a experiência do processo de orientação profissional, o que, entre outros elementos, resultou no abandono do curso, bem como em sentimentos autodepreciativos. Dessa experiência pessoal e de diversos relatos ouvidos de colegas próximos surgiu o interesse em investigar o tema.

Diante do exposto o presente trabalho tem como escopo analisar a produção científica brasileira, publicada no período de 2004 a 2019 sobre a reopção de curso no Ensino Superior. Para alcance deste objetivo, estruturou-se a presente monografia em cinco seções: apresentação, objetivos, método, resultados e discussão, além de referências e apêndices.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a produção científica publicada no período de 2004 a 2019 sobre a reopção de curso no Ensino Superior.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o perfil das publicações no concerne a autoria, ano de publicação e tipo de pesquisa;
- Sistematizar aspectos abordados pelos autores – familiares, institucionais e pessoais envolvidos na reopção.

3 METODOLOGIA

A acessibilidade, o rigor, a recenticidade e validação dos conhecimentos contidos nos periódicos científicos, de acordo com Biojone, 2003; Meadows, 1999; Mueller, 1999 (apud YAMAMOTO; COSTA 2010, p. 33), garantem a eles a posição privilegiada no processo de registro e disseminação dos achados acadêmicos, bem como na comunicação entre estudiosos e o público externo à academia. Além disso, os autores atribuem aos periódicos “função essencial, a de memória da ciência”.

Nesse sentido, adotou-se neste trabalho o percurso metodológico da pesquisa bibliográfica, entendida como aquela que é realizada a partir do conhecimento já produzido e publicado, conforme pontua Severino (2007, p. 122)

[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Vosgerau e Romanowski (2014) subdividem as pesquisas bibliográficas em dois tipos, as revisões que mapeiam e as revisões que avaliam e sintetizam. A presente pesquisa – denominada de estado da arte ou estado do conhecimento - faz parte da primeira categoria pontuada pelos autores, visto que possui entre seus objetivos a análise, a categorização e a discussão das diversas perspectivas encontradas nos trabalhos, possibilitando, assim, a criação de um catálogo bibliográfico acerca da reopção de curso no Ensino Superior que poderá ser utilizado por outros estudiosos como guia para novas pesquisas e projetos na área.

As pesquisas denominadas “estado da arte” buscam mapear e discutir conhecimentos produzidos acerca de determinados assuntos, considerando as diferentes áreas, evidenciando semelhanças, distinções, tendências e demais aspectos que contribuam para a compreensão do fenômeno, bem como impulsionem novas produções acerca do tema (FERREIRA, 2002, p. 256).

3.1 PROCEDIMENTOS

3.1.1 BUSCA DA LITERATURA E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Seguindo as indicações de Vosgerau e Romanowski (2014) para a realização de pesquisas do tipo estado da arte, realizou-se um levantamento bibliográfico, utilizando os

descritores: reopção de curso, mobilidade estudantil, orientação profissional, re-escolha profissional e redirecionamento de carreira, a fim de entrar em contato com as produções acerca do tema. As fontes utilizados na pesquisa foram as bases de dados Scielo, Pepsic, Portal de Periódicos CAPES e o Google Acadêmico

O Scielo (Scientific Electronic Library Online) é uma biblioteca que reúne artigos de diversas revistas científicas brasileiras e tem, entre seus objetivos, o armazenamento, a disseminação e a avaliação das publicações científicas. Nessa base, foi utilizada para pesquisa, a categoria “artigos” e, em seguida, a categoria “pesquisa de artigos”. Além dos descritores citados anteriormente, foi feita a especificação, possibilitada pela própria base de dados, quanto ao ano de publicação, 2004 a 2019.

O Portal de Periódicos CAPES foi criado, na década de 1990, pelo Ministério da Educação (MEC) a fim de fortalecer a pós-graduação no país. O Portal foi lançado em 11 de novembro de 2000, período em que foi iniciado o processo de digitalização de acervos por parte de diversas editoras (CAPES, 2000). Através do site do Portal, é possível acessar, também, o Google Scholar e o PubMed. Na presente pesquisa, a busca ocorreu diretamente na opção do Portal através dos descritores elegidos para a pesquisa, acrescido refinamento da data de publicação, “2004 até 2019” e do idioma, português.

O Periódico Eletrônico de Psicologia (PEPSIC) consiste em uma base de dados para publicações em Saúde, e nasceu da parceria entre países da América-Latina tendo, entre suas metas, o foco em publicizar os conhecimentos científicos dos países dessa região. Nessa base, que tem sua estrutura similar ao Scielo, foram utilizados, além dos descritores, a delimitação quanto aos anos e ao idioma.

A Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP), criada em 1993, objetivando congrega profissionais da área, bem como garantir a qualidade dos serviços prestados, fomentar produções, práticas e serviços sobre o tema, constitui-se desde a sua criação como referência na área. Dessa forma, considerando a sua importância, foi realizada uma busca na revista desta associação, criada em 2003 – esse periódico é encontrado no site da referida associação. Nesse sentido, os periódicos disponíveis foram visitados, um a um, a fim de identificar trabalhos que atendessem aos critérios da presente pesquisa (MELO-SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004; AMBIEL; CAMPOS; CAMPOS, 2017).

Outra base de dados utilizada foi o Google *Scholar*. Criado em 2004, o Google *Scholar*, ou Google Acadêmico, é uma ferramenta voltada para as publicações acadêmicas, todavia, publicações de cunho distinto podem comparecer (SANTOS; SANTOS, 2017). Além disso, possui como critério para os resultados, a quantidade de citações realizadas, ou seja, os

resultados das buscas apresentam os textos com maior número de citações. A plataforma permite, ainda, realizar publicações, receber alertas de temas, utilizando palavras-chaves e criar uma biblioteca pessoal (BOTTENTUIT JÚNIOR; LISBOA; COUTINHO, 2011; SANTOS; SANTOS, 2017). Nela, a busca ocorreu a partir dos descritores, acrescidos do refinamento temporal, de idioma e com a caixa “citações” desmarcada.

Além dele, a Microsoft Excel que foi utilizado para registro das informações de interesse da pesquisa presentes nos trabalhos selecionados a fim de auxiliar o momento de análise dos resultados. Por fim, a Plataforma Lattes e demais sites de registros profissionais foram consultados na investigação quanto à formação dos autores das produções.

3.1.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

- a. Textos publicados entre 2004 e 2019;
- b. Trabalhos em português;
- c. Disponibilização do texto completo;
- d. Artigos científicos que discutam a reopção de curso no Ensino Superior;

3.1.3 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

- a. Artigos de revisão.

3.1.4 TRIAGEM

A busca resultou, preliminarmente, em 26 documentos que tiveram seus resumos, objetivos e resultados e/ou discussões lidos pela pesquisadora, a fim de identificar se as produções atendiam aos critérios que delimitam o estudo. Após essa análise, dezenove trabalhos foram desconsiderados devido a: textos duplicados; o foco não estar na reopção, sendo, o fenômeno, apenas mencionado em alguns deles; por tratarem da evasão em outras modalidades de ensino como na Educação Básica, cursos técnicos ou na modalidade de Educação a Distância (EAD). Assim, essa etapa da pesquisa resultou em sete trabalhos que atendiam aos critérios estabelecidos, que serão expostos a seguir.

3.1.5 ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, as informações extraídas dos textos foram organizadas em uma tabela. Em seguida, as informações foram agrupadas, resultando em quadros: o primeiro (QUADRO 1) diz respeito às referências dos textos, bem como destaca o local onde foram encontrados; o segundo registra a formação dos autores (QUADRO 2), o terceiro diz respeito aos tipos de pesquisas realizadas (QUADRO 3), o seguinte (QUADRO 4) elenca os anos das publicações, possibilitando a investigação sobre a ocorrência de “picos” nos estudos sobre o assunto; e o último registra os principais aspectos abordados nas publicações (QUADRO 5).

Os aspectos abordados no corpo dos textos foram analisados separadamente. Eles foram agrupados, possibilitando, também, sua representação em quadro, a partir de três categorias de análises evidenciadas após leitura minuciosa – aspectos familiares, institucionais e pessoais. Esses resultados foram contextualizados a partir da literatura sobre o tema e seus correlatos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse capítulo são apresentados o perfil das publicações encontradas nos trabalhos. Os resultados da pesquisa, inicialmente apresentados em quadros, caracterizando: ano de publicação, bases de dados onde foram encontrados, formação dos autores, análise realizada e, por fim, os aspectos adotados por eles. As análises sobre o fenômeno da reopção de curso são evidenciadas e discutidas a partir da literatura consultada

4.1 PERFIL DAS PUBLICAÇÕES

As identificações quanto ao título das publicações, locais onde foram encontradas, a identificação dos autores, à forma como foram realizadas as suas pesquisas, bem como a formação deles, graduação e último título, serão apresentadas a seguir em formato de tabela. Essas informações foram coletadas a fim de enriquecer o mapeamento realizado, possibilitando a visualização de um panorama sobre o tema em tela. Ao final, encontra-se um quadro com as principais categorias abordadas pelos autores, aspecto analisado na seção 4.2.

Quadro 1 – Autores, títulos dos trabalhos e bases de dados.

N	Autores e ano da publicação	Título/Periódico	Base de dados
1	MOURA; MENEZES, 2004	Mudando de opinião: Análise de um grupo de pessoas em condição de re-escolha profissional / Revista Brasileira de Orientação Profissional.	PEPSIC
2	BARDAGI; HUTZ, 2009	Apoio parental percebido no contexto da escolha inicial e da evasão de curso universitário / Revista Brasileira de Orientação Profissional.	PEPSIC
3	VALORE; FERRARIN, 2010	Escolha e identidade profissional: desafios e possibilidades na formação universitária / Revista INFAD de Psicologia	Google Acadêmico
4	PINHEIRO; OLIVEIRA, 2014	Evasão nos cursos de engenharia do CEFET-MG e mobilidade entre as instituições de ensino superior/ COBENGE	Google Acadêmico
5	CAMPOS; SEHNE M, 2015	'Não era aquilo que eu queria...!': um estudo com universitários que vivenciaram a re-escolha de curso/ Pesquisa em Psicologia.	Google Acadêmico/ ABOP
6	NEVES; ALLAIN, 2017	Traçando as redes da evasão: identidade docente de egressos de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas/ XI ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências	Google Acadêmico
7	CAMPOS; MAIA; ALVES, 2018	A reescolha profissional: Um estudo com universitários em sua reopção de curso/ Investigação e práticas em orientação de carreira.	ABOP

Fonte: Elaborado pela autora

A ABOP é amplamente reconhecida pelo seu papel na divulgação de serviços e práticas, assim como pelo fomento, através de encontros bienais sobre o tema, publicações, por meio da sua revista, de pesquisas na área (MELO-SILVA; LASSANCE; SOARES, 2004; AMBIEL; CAMPOS, 2017).

O surgimento da revista da ABOP, publicada a partir da década de 1990, é relacionada pela literatura ao aumento dos trabalhos sobre o tema nesse mesmo período (AMBIEL; CAMPOS, 2017 apud LASSANCE; SPARTA, 2003; NORONHA *et al.*, 2006). Entretanto, no presente trabalho, a ABOP não obteve predomínio no que tange às publicações. Esse aspecto pode ser relacionado ao fenômeno da reopção surgir, de forma mais incisiva, na literatura nos últimos.

A reopção não configura-se como algo recente (BRASIL, 1996), entretanto, as suas especificidades históricas podem auxiliar na compreensão da tímida produção sobre o tema na revista da ABOP. A possibilidade de realizar uma mudança rápida – período inferior a um ano – possibilitada pela abertura do SISU duas vezes ao ano, assim como a oportunidade de indicar duas opções de curso caracteriza ambiente fértil para a reopção, fenômeno inexistente durante a vigência dos chamados “vestibulares tradicionais”.

Da mesma forma, a ampliação do sistema universitário, processo que tem o SISU como uma de suas características, possibilitou a uma parcela historicamente excluída desse ambiente adentrar o Ensino Superior (ES). Contudo, essa parcela chega, muitas vezes, com falhas em sua formação básica e sem conhecimento aprofundado sobre o ambiente universitário, os cursos e suas demandas, além das necessidades de ordem econômicas, visto ser esse um público que, não raramente, necessita gerenciar uma atuação profissional concomitante à graduação. Assim, percebe-se a influência de fatores históricos nos resultados encontrados.

Quadro 2 - Formação dos autores

N	Autor 1	Autor 2	Autor 3
1.	Doutorado em Psicologia Clínica; Graduação em Psicologia.	Graduação em Psicologia.	
2.	Doutorado em Psicologia; Graduação em Psicologia.	Doutorado em Psicologia; Graduação em Psicologia.	
3.	Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Graduação em Psicologia.	Doutorado em Educação, Cultura e Tecnologia; Graduação em Bacharel em Psicologia.	
4.	Graduação em Engenharia Química. Doutorado em Pós-Graduação em Engenharia Metalúrgica e Minas.	Graduação em Pedagogia. Doutorado em Educação	
5.	Graduação em Psicologia. Doutorado em andamento em Psicologia	Graduação em Psicologia. Mestrado em Educação	
6.	Graduação em andamento em Ciências Biológicas	Graduação em Ciências Biológicas; Doutorado em Educação.	
7.	Graduação em Psicologia	Graduação em Psicologia	Graduação em Psicologia; Doutorado em Psicologia

Fonte: Elaborado pela autora

A reopção de curso no Ensino Superior é um fenômeno que resulta da interação de inúmeros elementos, logo, desperta interesse de profissionais das mais diversas áreas de

atuação, conforme foi verificado a partir da presente revisão da literatura. Dos sete trabalhos, cinco possuíam, como primeiro autor, profissionais da Psicologia (MOURA; MENEZES, 2004; BARDAGI; HUTZ, 2009; VALORE; FERRARINI, 2010; CAMPOS; SEHNEM, 2015; CAMPOS; MAIA; ALVES, 2018), conforme exposto no quadro 2. Os demais possuem, entre seus autores, graduados em Pedagogia e Engenharia (PINHEIRO; OLIVEIRA, 2014) e em Ciências Biológicas (NEVES; ALLAIN, 2017), conforme mostrou o quadro acima (QUADRO 2).

Da mesma forma, outro ponto observado a partir desse quadro foi a presença de pelo menos um autor com pós-graduação em psicologia ou educação, corroborando os escritos de Soares e Lisboa (2019) acerca das possibilidades da orientação profissional, assim como da temática da reopção de curso, ser analisada a partir de distintos campos e áreas de atuação.

A investigação acerca da formação dos autores justificou-se pelos múltiplos olhares através dos quais o fenômeno pode ser analisado. Contudo, houve, nesta pesquisa, predomínio de autoria dos profissionais da ciência psicológica. Esse aspecto pode ser explicado pelo fato de a reopção suscitar questões de escolha profissional, campo que implica em discussões identitárias, emocionais, familiares e de desenvolvimento humano, amplamente discutidos no âmbito da psicologia, apesar de a orientação profissional não ser restrita a ela (SOARES, 2019).

Quadro 3 – Tipo de pesquisa

Pesquisa empírica quali-quantitativa	2
Pesquisa empírica qualitativa	4
Pesquisa empírica quantitativa	1

Fonte: Elaborado pela autora

Ribeiro (2011, p.21), ao tratar da história da orientação profissional, faz pontuações acerca do caráter prático da área:

[...] mudanças ocorreram no mundo criando necessidade de orientação para as pessoas nas mais variadas esferas (educação, trabalho, ocupação), e profissionais assumiram essa tarefa como uma urgência prática e não como uma descoberta teórica.

Assim, o autor relaciona o caráter predominantemente prático da orientação profissional às aceleradas mudanças do mundo moderno que demandaram ações profissionais

antes mesmo de uma elaboração teórica. Esse aspecto ecoou no predomínio de trabalhos empíricos encontrados acerca do tema.

Os resultados encontrados, ilustrados no quadro (QUADRO 3), mostraram predomínio na adoção de métodos empíricos na realização das investigações, ou seja, os autores, ao investigarem o tema da reopção de curso, optaram por ir a campo, entrar em contato, através de entrevistas, por exemplo, com sujeitos em processo ou que já haviam realizado a reopção de curso. Quanto a análise dos dados, métodos qualitativos foram os mais utilizados.

Quadro 4 - Quantidade de trabalhos encontrados por ano.

Ano	Quantidade
2004	1
2008	1
2010	1
2014	1
2015	1
2017	1
2018	1

Fonte: Elaborado pela autora

A área da orientação profissional, conforme dito anteriormente, beneficiou-se com a criação da ABOP e de sua revista. Todavia, apesar de a presente pesquisa não ter buscado exaurir o tema, é possível constatar, de forma cautelosa, que o fenômeno da reopção ainda aparece de forma tímida na literatura brasileira.

Além da criação da ABOP, o SISU, disponível online desde 2010 (MEC, 2012; INCERTI; TAVARES, 2014) é outro elemento histórico que contextualiza o fenômeno da reopção de curso, assim como as publicações sobre o tema. Nesse sentido, é possível observar que foram encontradas duas publicações no primeiro quinquênio (2004-2009) pesquisado. Já no segundo (2010-2015), que compreende a implementação do SISU, houve um aumento. Todavia, no terceiro e último período investigado não houve a continuidade do crescimento das publicações.

A partir das explanações anteriores, considera-se atingido o primeiro objetivo específico da pesquisa, identificar o perfil das publicações. A seguir é apresentado o Quadro 5 que sintetiza os principais aspectos abordados nos trabalhos, os quais serão analisados na sequência.

Quadro 5 – Principais aspectos abordados

PRINCIPAIS ASPECTOS ABORDADOS	
Familiares	Figura dos pais e dos irmãos; pressão no processo de escolha e de abandono do curso; investimentos financeiros; medo de decepcionar essas figuras de referência.
Institucionais	Funcionamento do curso universitário; relações estabelecidas com pares e com docentes; qualidade da estrutura, dos materiais e dos conteúdos abordados; programas e serviços de apoio estudantil.
Pessoais	Reprovações em disciplinas; desconhecimento de si, da futura profissão e do mercado de trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora

4.2 ASPECTOS ABORDADOS PELOS AUTORES

*“É CLARO QUE SOMOS AS MESMAS PESSOAS
MAS PARE E PERCEBA COMO O SEU DIA-A-DIA MUDOU
MUDARAM OS HORÁRIOS, HÁBITOS, LUGARES
INCLUSIVE AS PESSOAS AO REDOR
SÃO OUTROS ROSTOS, OUTRAS VOZES
INTERAGINDO E MODIFICANDO VOCÊ
E AÍ SURGEM NOVOS VALORES,
VINDOS DE OUTRAS VONTADES [...]”
PITTY - ANACRÔNICO*

A literatura sobre evasão universitária evidencia a complexidade do fenômeno que se inicia no aspecto conceitual, ou seja, na sua definição, bem como nas suas subdivisões; no cálculo utilizado na sua investigação; nos aspectos institucionais envolvidos; suas relações com o da exclusão; o nível de envolvimento do aluno com a universidade; e o impacto dessa relação no processo de evasão, entre outras temáticas que podem emergir e contribuir para a compreensão da evasão no ensino superior (SANTOS JÚNIOR; REAL, 2017).

Quanto ao fenômeno da reopção de curso, uma modalidade específica de evasão, o que não necessariamente torna mais simples seu entendimento, os trabalhos abordam diversas de suas facetas – aspectos familiares, relações interpessoais estabelecidas, ausência de informações, de comportamento exploratório e, conseqüentemente, preparação para a escolha, evidenciando-o como um campo fértil para investigações científicas (MOURA; MENEZES, 2004; BARDAGI; HUTZ, 2008).

Nesse sentido, a partir da análise dos trabalhos encontrados sobre o tema, considerando critérios estabelecidos para delimitar o universo da pesquisa, os aspectos semelhantes foram agrupados em três categorias a fim de facilitar a discussão desses elementos, são eles: aspectos familiares; institucionais; e pessoais. Eles serão apresentados após uma breve discussão acerca da Orientação Profissional (OP) considerando ser um campo que se dedica ao processo de escolha, trabalhando, vastamente, os itens encontrados no presente trabalho, ou seja, fornecendo elementos importantes para as discussões que se seguem.

4.2.1 BREVE DISCUSSÃO SOBRE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A origem da área de Orientação Profissional possui forte relação com o trabalho, hoje um de seus eixos, mas, no momento histórico que propiciou seu aparecimento o trabalho formal caracterizava-se como elemento principal.

Estava-se no momento em que o mundo começava a fabricar a noção de emprego, de trabalho remunerado, de ascensão na profissão, e da associação de uma vida activa e socialmente aceita a quem trabalhasse um elevado número de horas, com dedicação e lealdade – mesmo aqueles que, por dificuldades de aprendizagem, eram excluídos da sociedade produtiva (DUARTE, 2009, p.6).

O surgimento e desenvolvimento da indústria, bem como das primeiras sistematizações do trabalho, a busca pela rápida e padronizada produção propiciaram o aparecimentos da teoria de Frederick Taylor (1856-1915), busca da eficácia e menor desperdício durante a produção, dando início à administração científica, tirando o controle da produção e o resultado do trabalho das mãos dos trabalhadores. Posteriormente, sendo esse panorama foi alterado pelas ideias de Elton Mayo (1880-1949), que enfatizou o fator humano nesse ambiente (DUARTE, 2009).

Nesse período, o termo “vocaçãõ”, que se refere a chamamento, talento, predestinação, era amplamente utilizado. Na época, a escolha não era algo possível para muitos indivíduos; e a ideia de homem certo para o lugar certo predominava. Além disso, o nível social em que o indivíduo nascia, ou seja, a posição da família na sociedade era

determinante de como o indivíduo cresceria e onde iria trabalhar (ANDRADE; MEIRA; VASCONCELOS, 2002).

Andrade, Meira e Vasconcelos (2002), apontam mudanças em direção à uma visão humanizada de indivíduo - livre e capaz de decidir sobre sua vida - a partir do Renascimento ou Renascença, do Iluminismo e do surgimento da democracia, possibilitando a passagem, ao longo da vida, em distintos “níveis” da sociedade.

O trabalho, mesmo sofrendo mudanças no seu funcionamento, possuiu, durante toda a história humana, lugar fundamental na vida dos indivíduos. A subsistência, quase sempre citada primeiro, não encerra a relação humana com o labor. Ele é considerado um elemento fundador do homem, fonte de prazer, de sofrimento, de realizações financeiras e espirituais (ENGELS, 2013).

As mudanças históricas pelas quais passou a sociedade permitiram, cada vez mais, a realização da escolha por parte de seus indivíduos, impulsionaram o desaparecimento e o surgimento de novos postos de trabalho, exigindo maior preparo para exercê-los. Assim, com a possibilidade e a variedade de opções possíveis, fortaleceu-se a profissão que busca auxiliar o processo de escolha.

A Orientação Profissional é conceituada por Brasil, Felipe, Nora e Favretto (2012, p.125) como:

[...] um conjunto de ações que visam auxiliar jovens e adultos a refletir e se posicionar diante de uma escolha profissional, estabelecida criticamente, que respeite desejos e possibilidades pessoais e sociais. Pode ser feita no âmbito do Ensino Médio, facilitando a escolha do curso universitário como também no âmbito da Educação Superior, auxiliando o aluno em processos de reescolha do curso ou engajamento nos estudos de nível superior.

A criação do primeiro Centro de Orientação Profissional norte-americano, entre os anos de 1907 e 1909, é considerada marco oficial da O.P e esteve ambientada no processo industrial. Posteriormente aliada aos conhecimentos da Pedagogia e da Psicologia, sendo Frank Parsons apontado como responsável por essa união, voltou-se para o autoconhecimento, sendo utilizada como instrumento facilitador para a escolha profissional dos jovens (SPARTA, 2003).

Entretanto, a prática, de acordo com Sparta (2003), continuou a sofrer influências, como nas décadas de 1920 e 1930, com a utilização de testes desenvolvidos durante as Grandes Guerras. Nesse período, a OP foi caracterizada como diretiva, pois suas atividades resultaram em direcionamentos para determinadas profissões, sem envolver ativamente os orientandos.

Na década seguinte, com o lançamento da obra de Carl Rogers, *Counseling and Psychotherapy: Newer Concepts in Practice*, foram apresentadas características principais a horizontalização das relações terapêuticas, considerando a participação do cliente, suas percepções e potencializando sua autonomia no processo, desse modo, a prática da OP ganhou novos contornos (SPARTA, 2003).

Assim, passaram a surgir teorias acerca da escolha profissional, antes associadas à adequação humana e atribuídas à Teoria Traço e Fator. Nesse período, foram exibidas visões amplas acerca do fenômeno, considerando-o um processo, como a teoria de Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Ginzberg, Ginsburg, Axelrad e Herma, e a Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Donald Super, entre outras (SPARTA, 2003).

No Brasil, de acordo com Sparta (2003), a OP tem seu marco com a criação do Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo em 1924. De acordo com Abade (2005, p. 16), O Instituto de Seleção e Orientação profissional (ISOP):

[...] desenvolveu nos dez primeiros anos de seu funcionamento um trabalho voltado principalmente para a implantação de técnicas de seleção e orientação profissional, dando atendimento à classe média alta, numa tentativa de orientação da futura elite dirigente.

Assim, a O.P no Brasil seguiu o mesmo percurso que em outros países, ou seja, foi inicialmente utilizada na escolha de profissionais que melhor se adaptam a determinadas ocupações- buscando maior produtividade – fazendo forte uso de testes, e posteriormente sofrendo influência das ideias de Carl Rogers, voltando-se para o autoconhecimento e, como influência freudiana, atentando-se para fatores inconscientes (SPARTA, 2003).

Nesse sentido, a orientação profissional, na atualidade, atua tendo o autoconhecimento como um dos seus pilares. Assim, a O.P não impacta apenas o processo de escolha profissional, ela ecoa em diversos aspectos da vida humana. Lisboa e Soares (2019) destacam que as intervenções desde a primeira escolha até a aposentadoria costumam trabalhar aspectos relacionados ao autoconhecimento, ao mundo do trabalho e à escolha.

A O.P tem ganhado espaço com públicos distintos (COSTA; SOARES, 2009; WHITAKER, 2010; VALORE; CAVALLET, 2012; PEREIRA; CHAVES; GALVÃO, 2013), entretanto, a sua procura no momento da primeira escolha permanece ocorrendo de forma consistente (SOARES; SILVA, 2001; SOARES *et. al*, 2007, ZAVAREZE, 2008, D'AVILA *et al.*, 2011). Na sociedade atual, essa escolha tem ocorrido cada vez mais cedo, no período da adolescência.

A adolescência é considerada um período de passagem da infância para a vida adulta, momento importante para desenvolvimento da personalidade dos sujeitos. Nesse estágio, o adolescente vivencia mudanças físicas, corporais, e sociais, a postura demandada por pais e demais membros da sociedade. Há uma fluidez no exercício desses papéis (ERIKSON, 1976; KNOBEL, 1981).

Essa fluidez é resultado de diversos desdobramentos do campo cultural. A perspectiva sócio-histórica pontua que a necessidade de prolongamento do tempo de aperfeiçoamento acadêmico, como pré-requisito para uma entrada exitosa no mercado de trabalho; a evolução científica que impactou no aumento da expectativa de vida; e as consequências desses aspectos como, por exemplo, a independência financeira dos pais ocorrendo em idades mais avançadas são elementos que forjaram a visão da adolescência existente atualmente (BARONCELLI, 2012).

A perspectiva gestáltica coaduna com a sócio-histórica quanto à visão dos aspectos histórico-culturais como contextualizadores das mudanças que impactam o processo da adolescência. A perspectiva não exclui a existência, bem como a importância, de aspectos fisiológicos, todavia, não pauta sua visão apenas nesse aspecto. Conforme pontua BARONCELLI (2012, p. 191):

[...] a Gestalt-terapia entende ser a concretude da existência do ser-no-mundo que se manifesta em cada adolescente. Tal concretude inclui, mas não se limita, nem se organiza a partir do aspecto fisiológico das mudanças corporais, como diversas abordagens teóricas pressupõem. Ser adolescente é, portanto, sê-lo num determinado corpo, mas também numa determinada sociedade, etnia, classe social, cultura, família e *para* determinada pessoa que vai significar todos estes aspectos de formas sempre únicas.

Assim, é durante esse momento do desenvolvimento, permeado de mudanças nos aspectos sociais, fisiológicos e culturais que o indivíduo é demandado a realizar uma escolha que irá definir, mesmo que não permanentemente, aspectos da sua vida. Ademais, outro ponto que contextualiza a escolha profissional no cenário atual refere-se à multiplicidade de possibilidades, e a facilidade para a realização da re-escolha, proporcionada pelo SISU, aberto duas vezes ao ano e onde, em cada abertura, os participantes podem indicar duas opções de curso superior para concorrer às vagas nas instituições educacionais do país (MANSANO, 2011; BRASIL, 2012).

Nesse sentido, a orientação profissional consolida seu espaço de atuação e fornece fatores para a discussão de elementos acerca do mundo do trabalho, das influências familiares, aspectos da personalidade humana, enfim, dados que reaparecem no processo de reopção de curso no Ensino Superior, conforme será pontuado a seguir.

4.2.2 ASPECTOS FAMILIARES

*“DE ONDE VEIO A COR
OU ANGÚSTIA QUE MORA AQUI
NO FILHO EU VEJO O PAI TAMBÉM
NINGUÉM PODE EVITAR
TODAS AS CARACTERÍSTICAS
EXPLÍCITAS OU ESCONDIDAS
FÍSICAS, PSÍQUICAS
GENÉTICA OU ADQUIRIDA “
PITTY - MALDITOS CROMOSSOMOS*

A família, pilar importante na constituição do sujeito, seja ela constituída por laços sanguíneos ou por escolha, aparece nos textos analisados na figura dos pais e dos irmãos, que são referências profissionais, incentivadores da trajetória acadêmica, bem como fonte de pressão no processo de escolha e/ou de abandono do curso - nesse momento são citados investimentos financeiros realizados pelos mesmos. Além disso, o medo de decepcionar os familiares que são referência, também, comparecem nos estudos (MOURA; MENEZES, 2004; BARDAGI; HUTZ, 2009, CAMPOS; SEHNEM, 2015).

O ambiente familiar é o primeiro círculo social ao qual o ser humano faz parte, logo, exerce grande influência no processo de escolha profissional. Inicialmente ligado ao seio familiar, sendo passado de geração em geração, o trabalho passou por inúmeras transformações. Na sua forma de execução e modalidade, o trabalho era visto como algo fixo, duradouro, demandava longos anos da vida do sujeito, que executava as mesmas tarefas dentro da mesma organização, até os dias atuais com a flexibilidade das relações trabalhistas, sendo comum a passagem do trabalhador, em um mesmo ano, por diversas empresas (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011; LEVENFUS, 2015).

Nesse sentido, atualmente, antes do ingresso no mercado de trabalho há, para uma parcela privilegiada da população, a escolha da formação universitária, pois com o modo de produção capitalista, modernizando e generalizando todos os ramos de produção, ocorreram alterações dos postos de trabalho, extinguindo uns e criando outros, bem como a exigência de mão de obra especializada para a execução dessas novas formas de labor.

O desenvolvimento da tecnologia, também, contribuiu com esse cenário que culminou no fim das chamadas carreiras tradicionais, nas quais os indivíduos passavam longos anos,

senão a vida inteira, na mesma empresa. Em seu lugar encontram-se as carreiras proteanas¹, marcadas pelo protagonismo dos profissionais que não buscam mais apenas desempenhar uma função, mas realizarem-se pessoalmente ao desempenhá-la - característica essa apontada como uma das principais da geração Y, pessoas nascidas a partir de 1978, ou seja, após o surgimento da internet (VASCONCELOS; MERHI; GOULART, 2010; ANDRADE).

Assim, a família não exerce mais a mesma influência no que diz respeito ao trabalho que será realizado por seus novos membros (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011). Todavia, o trabalho e a família permanecem como instituições intimamente relacionadas, principalmente nos anos iniciais do desenvolvimento humano. Desde pequenos nos acostumamos a horários específicos com os pais, esse diminuto tempo é ditados pela rotina de trabalho dos mesmos, assim como as vivências dentro e fora do lar são estabelecidas pela condição econômica da família, ou seja, pelo valor recebido pelos provedores – mesmo que nos anos iniciais da vida não nos demos conta dessa relação.

Contudo, com o passar do tempo, presenciamos cada vez mais comentários das nossas referências familiares acerca das funções que desempenham, sejam comentários felizes advindo de promoções ou elogios, sejam comentários com teor de frustração, arrependimento ou insatisfação com a remuneração, colegas de trabalho, chefes, entre outros elementos (STANK; ROTH; MONTEIRO; MAFFEI, 2014).

No mesmo sentido, o desemprego no seio familiar também constitui variável importante no processo. Sentimento de insegurança, de incapacidade e medo relacionado ao mercado de trabalho, planejamento de carreira, enfim, aspirações profissionais, podem permear esse aspecto da vida dos indivíduos (LEVENFUS, 2015).

O estudo de Farias (2013 apud LEVENFUS, 2015) constatou a presença de crenças negativas sobre o mercado de trabalho em filhos de pais desempregados se comparados aos filhos de pais empregados. Além, de impactos no comportamento exploratório, expectativas e aumento da “indecisão vocacional”.

Assim, à medida que os momentos de escolha surgem - oportunidade de realizar um curso técnico no final do Ensino Fundamental ou iniciar os estudos para vestibulares, mesmo sem percebermos, somos influenciados pela visão do trabalho que adquirimos não apenas a partir do nosso núcleo familiar – apesar dele permanecer como fator predominante em muitos

¹ O conceito de carreira proteana, faz analogia à figura de Proteu, foi desenvolvido por Hell (1976) e refere-se ao fato de, na sociedade atual, as pessoas guiarem-se em busca de realizações pessoais, o que pode resultar na passagem por diversas empresas (NEVES; TREVISAN; JOÃO, 2013).

casos – mas, também, de amigos, professores e demais referências (SOARES, 2002; OLIVEIRA; DIAS, 2013).

Soares (2002, p. 75) afirma que:

As identificações com o grupo familiar e o valor que as profissões assumem nesse grupo influenciam o jovem. Uma grande parte das escolhas do jovem inclui uma representação social positiva ou negativa da profissão exercida pelos pais, sua relação com o trabalho e de que maneira o filho se identifica com as profissões familiares.

Dessa forma, percebe-se que as influências familiares compareceram nos estudos com enfoque emocional, quanto aos significados e projeções estabelecidos por cada um (SOARES, 2002; OLIVEIRA; DIAS, 2013; LEVENFUS; SOARES, 2010). Por parte dos pais, a partir da idealização do futuro dos filhos, o que costuma ocorrer desde a gestação desses; e quanto aos filhos, que se veem divididos entre escolher o que gostam ou aquilo que os possibilitem continuar os trabalhos da família ou mesmo realizar as idealizações dos pais (SOARES, 2002).

Gaulejac (1987 apud SOARES, 2002, p.76) afirma que:

“[...] duas lógicas estão presentes, do lado dos pais, mas buscando a reprodução e outra a diferenciação”. O projeto dos filhos é a expressão de medos e de desejo contraditórios:

De um lado o desejo de o filho ser a continuação de suas vidas, se encontre neles, se torne aquilo que eles são, faça aquilo que eles fizeram, a *lógica da reprodução*, conduzindo à imitação, à repetição e ao conformismo.

De outro lado, o desejo de o filho realizar todos os desejos que eles não puderam satisfazer, fazendo tudo aquilo que eles não puderam realizar, sendo “alguém na vida”, isto é, a *lógica da diferenciação*, encorajando a singularidade, a autonomia e a oposição”.

Essa indiferenciação dos filhos em relação aos pais, ou seja, a forte ligação ao grupo familiar de maneira a não saber identificar os seus próprios interesses e gostos a fim de distingui-los dos do seu grupo familiar pode apresentar-se como uma dificuldade durante a escolha profissional, pois atinge a identidade pessoal dos envolvidos (LEVENFUS, 2015).

A respeito da dualidade, reprodução/diferenciação, presente nas famílias diante da escolha profissional de seus membros, Bacal, Magalhães e Ferez-Carneiro (2014) realizaram um estudo com quinze sujeitos, de cinco famílias distintas, pertencentes a três gerações que perpetuaram nas mesmas profissões. Os resultados demonstraram que, para os sujeitos da terceira geração, houve importância e respeito em relação ao legado familiar, mas também, houve a necessidade da diferenciação, evidenciada na realização de suas atividades de maneiras distintas, buscando imprimir-se nelas:

Apropriar-se da profissão e traçar sua trajetória de modo singular implica sair do lugar de herdeiro, apropriando-se do seu destino com autoria. É conseguir conjugar a herança da tradição familiar com aquilo que lhe é singular, apoderando-se do que lhe foi legado, porém de forma mais independente e autônoma.(BACAL, MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2014, p. 459).

O estudo de Oliveira e Dias (2013) buscou investigar a influência familiar no desenvolvimento profissional dos filhos a partir da visão de seus pais, para isso entrevistaram nove pais de graduandos do último ano do curso de Psicologia e verificaram três categorias nos relatos analisados, quais sejam: 1) diálogo; 2) apoio emocional e material; e 3) influência através do exemplo. Assim, foi notada a influência exercida pelos pais de maneira contínua desde os anos iniciais de desenvolvimento até o momento em que o estudo foi realizado.

Essa influência, segundo os entrevistados, não se deu de maneira diretiva, mas sim de forma ampliada, o que pode ser percebido no relato que evidencia o grau de instrução dos membros do grupo familiar, em sua maioria, possuindo Ensino Superior, sem especificar áreas ou mesmo cursos (OLIVEIRA; DIAS, 2013).

Nesse novo cenário, grande importância é dada ao apoio oferecido pelos pais aos filhos, que se observa no acompanhamento, na comunicação sobre o tema, na transmissão de distintas informação, nas possíveis dificuldades a serem enfrentadas no percurso formativo, de forma a podar visões irrealistas por parte dos filhos, propiciando o desenvolvimento e a concretização das escolhas de carreiras. Todavia, a realidade é marcada pela falta de diálogo no núcleo familiar, por confrontos entre expectativas dos pais e os reais desejos dos filhos (BARDAGI; HUTZ, 2009; LEVENFUS, 2015).

Assim, a inclusão dos familiares no processo da O.P. é defendida por muitos teóricos tendo em vista o papel decisivo no processo de construção e de realização dos projetos dos filhos. Essa inclusão pode ocorrer tanto no contexto clínico, a partir de entrevistas iniciais que buscam levantar expectativas e informações sobre a dinâmica familiar; no contexto escolar, por meio de palestras grupais envolvendo pais e filhos; e no contexto universitário, nos serviços de orientação e reorientação profissional (LEVENFUS, 2015).

Ademais, a influência familiar constitui elemento fundamental no processo da primeira escolha, que culmina com a entrada no Ensino Superior e, conseqüentemente, envolve sentimentos como alegria, orgulho e satisfação por parte do (a) aluno (a) e de seus pais. Dessa forma, no processo de reescolha, o núcleo familiar ganha contornos ainda mais acentuados visto que o indivíduo – que já viveu a euforia inicial –, se vê amedrontado diante da possibilidade de desapontar seus familiares, Esse sentimento ocasiona um período de ruminação antes de externar sua insatisfação com o curso (BARDAGI; HUTZ, 2009)

Diante disso, os autores pontuam a surpresa sentida pelos estudantes ao receberem apoio no momento da evasão, resultado da falta de diálogo sistemático acerca das vivências universitárias, o que causa a sensação de isolamento e favorece a criação de crenças negativas sobre reação dos pais. Assim, a criação, no âmbito familiar ou no universitário, de espaços de discussão sobre as experiências vividas no curso são recomendadas pelos autores (BARDAGI; HUTZ, 2009).

A partir do exposto, percebe-se que a família continua exercendo forte influência na vida de seus integrantes, contudo, ela divide espaços com novos elementos no que diz respeito à escolha profissional. Todavia, o papel da família nesse processo, bem como no da re-escolha permanece fundamental, tanto no que diz respeito a ser fonte de informação quanto como fonte de aceitação e apoio. Assim, tem-se a importância de envolver a família nos processos de orientação, ou reorientação, profissional.

4.2.3 ASPECTOS INSTITUCIONAIS

*“SEJA LIVRE, MAS NEM TANTO
PODE CRIAR, MAS EU DIGO O QUÊ
ASSINE AS TRÊS VIAS, ENTREGUE E AGUARDE
NÃO SE PREOCUPE, EU AVISO A VOCÊ
NÃO SE INFORME, DEIXA COMIGO
DURMA TRANQUILO, CONFIE EM MIM
NÃO SE IMPORTE, SEM PROBLEMAS
DEIXA QUE EU RESOLVO DAQUI”
PITTY – SEU MESTRE MANDOU*

Aspectos institucionais relacionados ao funcionamento do curso universitário – como a articulação teoria-prática, a figura docente, os cursos no período noturno (MOURA; MENEZES, 2004; VALORE; FERRARINI, 2010), o estágio tardio (VALORE; FERRARINI, 2010; NEVES; ALLAIN, 2017) e a existência ou não de programas e serviços voltados para o público estudantil (PINHEIRO; OLIVEIRA, 2014) – compareceram na maioria dos artigos analisados.

Quanto à relação teoria-prática, esse foi um aspecto apontado no estudo de Moura e Menezes (2004) como motivador para a desistência do curso. Neves e Allain (2017, p. 8), ainda sobre a relação teoria-prática, coletaram a seguinte resposta:

“Falta de docentes, grade curricular muito fora da realidade. Penso que já que o curso é Licenciatura, seria melhor o contato com a Escola desde o primeiro período, pois, quem não quiser a profissão sairá a tempo. Não espere chegar ao 7º período para estágio.”

Valore e Ferrarini (2010, p. 394), ao questionarem seus entrevistados sobre o que causava dúvidas em relação ao curso, coletaram informações como:

“(...) Então, eu queria estagiar esse ano eu queria é ter alguma vivência prática, porque eu senti que faltou assim tipo eu tinha bastante, algum tempo livre e eu podia tá estagiando porque...tipo tomar contato com a prática mesmo que eu senti falta no semestre passado...assim, né...no primeiro ano. (Aluno de Psicologia, 2o ano).
Eu também vejo um pouco de falta de interesse dos professores com relação ao curso assim...eles não dão muita importância não... na aula de anatomia, por exemplo, o professor dá aula teórica, daí ele sai da sala e a gente vai pra prática e ele deixa os monitores dando aula... então isso pra mim não é interessante... porque eu não aprendo nada, você simplesmente tá com um cadáver ali na sua frente você olha pra ele e fala ahh acho que esse é o músculo tal... e se chegar um dia uma pessoa pra você atender você vai dizer pra ela eu acho que é tal músculo? Tem que ter uma certeza do que você faz... não é baseado em suposições, você tem que ter certeza, tem que ter um professor ali do seu lado! (Aluna de Enfermagem, 1º ano)”

Os cursos noturnos compareceram como possibilidade de inclusão dos indivíduos que necessitam exercer atividade remunerada concomitante à realização do curso universitário: “Os cursos do CEFET-MG apesar da qualidade são excludentes, pois apenas quem não trabalha pode ficar um dia inteiro na instituição” (PINHEIRO; OLIVEIRA, 2014, p.6).

Pinheiro e Oliveira (2014), quanto aos serviços de apoio institucional, relataram que esse foi um aspecto pontuado pela maioria dos seus entrevistados como um fator institucional com potencial para evitar a evasão.

O trabalho de Neves e Allain (2017, p.4) apresenta um item interessante: o uso da aprovação em um curso menos concorrido como trampolim para atingir o curso desejado: “Entrei no curso de Ciências Biológicas já pensando em pedir transferência, no segundo período, para o curso de Odontologia.”

Esse aspecto mencionado compareceu de forma significativa em seus resultados (29%), ou seja, a relação do aluno com o curso ocorreu de forma estratégica, visando o processo de transferência interna. Esse ponto, também, foi encontrado no estudo de Oliveira e Pinheiro (2014) que sugerem investigações acerca das chamadas vagas ociosas, visto que mesmo quando preenchidas geram novas vagas ociosas, sendo classificadas pelos autores como “vagas viciosas”.

Esses aspectos - estágio tardio, relação teoria-prática, a figura docente, os cursos no período noturno e serviços de apoio ao estudante universitário - foram incluídos nessa categoria por fazerem parte da estrutura institucional, sendo decididos a partir de legislações federais, bem como seus desdobramentos em resoluções ou outros documentos que definem o

funcionamento dos cursos, Projetos Político-Pedagógicos, planos de disciplina, entre outros. Contudo, todos são passíveis de alterações, a exemplo do processo de ampliação do Ensino Superior ocorrido nos últimos anos que alterou entre outros aspectos, as modalidades de ingresso nos cursos superiores.

A democratização do ensino superior, processo que visou melhorar os índices educacionais do país, é um fenômeno amplamente conhecido no Brasil (RIBEIRO; LEDA; SILVA, 2015). Esse tema é tratado nos mecanismos legais desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, que traz em seu artigo 205, a educação como um direito de todos e um dever do Estado (BRASIL, 1988).

Outros textos legais complementam, sistematizam e garantem tal direito, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, Lei (9.394) de 1996, que prevê em seu artigo 206, inciso I, igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996; RIBEIRO; LEDA; SILVA, 2015; AMARAL; NASCIMENTO, 2017; PEREIRA; MONTENEGRO, 2017).

Entre as mudanças ocorridas nesse processo está a abertura de cursos no turno noturno, possibilitando à população trabalhadora, a realização e conclusão do curso e atividades laborais. Contudo, a abertura de cursos noturnos limitou-se inicialmente às licenciaturas, aspecto que recebeu críticas (VALORE; FERRARINI, 2010; RIBEIRO; LEDA; SILVA, 2015).

Especificamente em relação à expansão do Ensino Superior, para o decênio 2011-2020, o Plano Nacional de Educação (PNE) estabeleceu como meta para esse período: elevar a taxa bruta - razão entre o número total de matrículas (independente da faixa etária) e a população correspondente na faixa etária prevista (15 a 17 anos) para o curso na etapa de ensino - de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida - razão entre o número de matrículas de alunos com idade prevista (15 a 17 anos) para cursar determinada etapa de ensino e a população total na mesma faixa etária - para 33% da população de 18 a 24 anos (BRASIL, 2001; PIMENTA; ALMEIDA, 2009; UNESCO, 2015).

O foco na ampliação do acesso, ou massificação (SOARES; ALMEIDA, 2003 apud BARDAGI; HUTZ, 2009), recebeu críticas quanto ao descompasso das melhorias necessárias, uma vez que não foi acompanhado pelo aumento do número de servidores para apoio técnico-administrativa, ampliação da estrutura física das universidades e pelo mapeamento das novas demandas advindas do perfil do estudante, por exemplo, para o acolhimento e a permanência dos novos universitários (RIBEIRO; LEDA; SILVA, 2015).

Nesse cenário, o PNE, Lei n.º 10.172/2001, surgiu com o objetivo de “Estimular a adoção, pelas instituições públicas, de programas de assistência estudantil, tais como bolsa-trabalho ou outros destinados a apoiar os estudantes carentes que demonstrem bom desempenho acadêmico” (BRASIL, 2001). Nesse sentido, estudos voltados para o tema da permanência, serviços de apoio ao estudante, bem como investigações sobre a evasão, mobilidade estudantil, a motivação e a adaptação universitária, ganharam destaque na literatura (BARDAGI; HUTZ, 2009; TEIXEIRA; CASTRO; PICCOLO, 2007; ALVES; GUIMARÃES; PIMENTA, 2018; BELLETTINI; SOUZA, 2018)

Bardagi e Hutz (2009), ainda pontuaram que no âmbito internacional, os estudos já demonstravam a necessidade de os serviços de apoio oferecerem orientação vocacional, pessoal e educacional, bem como conhecer as especificidades dos estudantes universitários, questões econômicas, étnicas, entre outras. Além disso, apontaram a importância do planejamento de carreira e do auxílio no desenvolvimento de estratégias de *coping* (CASIMIRO; PEREIRA; DIAS; CUSTÓDIO, 2005).

Os autores citam ainda o estudo de Cunha *et al.* (2001) onde foi constatada a expectativa por parte dos estudantes em receber algum auxílio no ambiente acadêmico, mesmo que o desconhecimento sobre os serviços de apoio ao estudante fosse predominante, demonstrando, assim, a desinformação e o despreparo, sobre a vida acadêmica (BARDAGI; HUTZ, 2009).

Nesse sentido, percebe-se a importância do suporte aos discentes que se encontram em processo de adaptação à dinâmica acadêmica, visto que esta fomenta o surgimento de questões relacionadas ao ambiente, aos relacionamentos interpessoais permeados de competitividade, à liberdade para novas expressões e descobertas no âmbito da sexualidade, entre outros aspectos (COSTA; LEAL, 2006; OLIVEIRA; CARLOTTO; DIAS, 2014; SOARES; PINHEIRO; CABAVARRO, 2015; SANTOS; OLIVEIRA; DIAS, 2015).

Seco, Casimiro, Pereira, Dias, Custódio (2005, p. 26) pontuam que:

A chegada a este novo contexto acadêmico vai levar a que muitos estudantes tenham necessidade de formular, pela primeira vez, objetivos pessoais, de encarar de forma crítica as suas capacidades, competências e recursos e de tomar consciência do seu *background* social e padrões de desempenho, refletindo sobre os seus modelos de identificação. Deste modo, os problemas e dificuldades com que os jovens são confrontados, nesta fase, poderão constituir um catalisador para o seu desenvolvimento, ajudando-os a amadurecer e a desenvolver estratégias de *coping* e de resolução de problemas, que lhes serão muito úteis posteriormente, quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

Atualmente, as universidades possuem, em sua maioria, serviços de apoio ao estudante onde eles podem contar com diversos profissionais, principalmente, os da psicologia (BARDAGI; HUTZ, 2009; SECO *et al.*, 2012). No âmbito das instituições públicas, profissionais do serviço social, pedagogos e psicólogos costumam atuar nesses espaços, principalmente após o Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, que instituiu o Programa Nacional de Assistência Estudantil o qual possui, entre seus objetivos, a minimização dos efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior (BRASIL, 2010).

Bisinoto e Marinho-Araújo (2011) realizaram um mapeamento das Instituições de Ensino Superior do Distrito Federal que contavam com profissionais da psicologia em seu quadro, bem como da atuação deles, ou seja, práticas profissionais realizadas. Os autores perceberam a realização das chamadas “práticas tradicionais” e a presença das consideradas “emergentes”, nomenclatura cunhada por Martínez (2009).

Segundo Martínez (2009), as práticas tradicionais do psicólogo nas instituições de ensino, referem-se à avaliação, ao diagnóstico, ao encaminhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem, à orientação aos alunos e aos pais, à tradicional orientação profissional (baseada em testes), ou seja, à atividades psicoeducativas. As práticas emergentes dizem respeito ao diagnóstico, análise e a intervenção institucional, à participação na formulação e a acompanhamento de propostas pedagógicas, realização de pesquisas que contribuam com o processo educativo, o ensino personalizado, a participação nas políticas públicas, entre outras atividades.

Santos *et al.* (2015), ao refletir sobre a atuação de psicólogos no ambiente universitário percebeu um momento crítico de reformulação de práticas profissionais. O autor pontua, nesse sentido, a mudança de práticas com enfoque individual, focadas no aluno, para as de cunho coletivo e com envolvimento de professores e demais componentes desse ambiente, corroborando as reflexões de Bisinoto e Marinho-Araújo (2011) quanto ao movimento crítico desses profissionais.

Moura e Facci (2016), realizaram pesquisa com 4 psicólogos que trabalhavam em Universidades Federais as quais buscavam atingir as metas do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI, ou seja, atuavam em prol da diminuição do fracasso escolar. As autoras apresentaram possibilidades de práticas a serem desenvolvidas por esses profissionais no Ensino Superior, como o incentivo à mobilização e à organização estudantil em centros acadêmicos, confecção de jornais, a organização de eventos, os congressos, entre outros. Estudos mostram que o envolvimento em atividades acadêmicas

extraclasse podem ser fatores que contribuem para a permanência dos estudantes na universidade (VALORE; FERRARINI, 2010).

Outra possibilidade, apontada pela literatura consultada, de atuação do psicólogo no Ensino Superior refere-se às atividades de orientação profissional, ou reorientação. Nesse sentido, a obra de Malki (2015) intitulada “A crise com o curso superior na realidade brasileira contemporânea: análise das demandas trazidas ao Núcleo de Orientação Profissional da USP” apresenta grandes contribuições para o assunto.

Essa autora elencou trinta e sete motivos pelos quais os alunos da USP procuraram o Núcleo de Orientação Profissional, e eles estão relacionados, por exemplo, ao processo de escolha inicial, como o reduzido comportamento exploratório e pouco comprometimento com a escolha; às questões emocionais; ao planejamento de carreira e ao curso, como baixo rendimento e insatisfação com o mesmo (MALKI, 2015). Assim, tem crescido o surgimento de serviços voltados para a orientação, ou reorientação estudantil, principalmente em relação à atuação da psicologia no Ensino Superior (MALKI, 2015; MOURA; FACCI, 2016).

Acerca da importância dos serviços de orientação profissional no Ensino Superior, buscando apreender os sentidos da escolha e da orientação profissional para graduandos Pinto e Castanho (2012) aplicaram questionários e entrevistaram universitários que haviam participado de um programa de orientação profissional. Os resultados encontrados evidenciaram a importância do programa nas escolhas realizadas durante a graduação, bem como no planejamento da vida profissional.

No âmbito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Pró-reitoria de Assistência Estudantil, criada em 2014, tem por finalidade:

[...] propor, planejar, coordenar, executar e avaliar programas, projetos, serviços e ações que promovam a Assistência Estudantil na Universidade Federal do Maranhão na perspectiva de garantir e ampliar as condições de permanência dos estudantes na educação superior pública federal (UFMA, c2019).

A Pró-reitoria é responsável por oferecer assistência aos estudantes, prioritariamente os socioeconomicamente vulneráveis. Para isso, possui em seu quadro psicólogos, assistentes sociais, pedagogos e assistentes-administrativos que realizaram serviços, programas e organizam eventos para a comunidade universitária. Recentemente, houve a criação do Serviço de Apoio Psicopedagógico (SAPsi) com o objetivo de desenvolver ações voltadas para o acolhimento e a orientação do corpo estudantil, impactando na permanência e, conseqüentemente, conclusão dos cursos (UFMA).

Outro elemento do ambiente universitário com forte impacto – negativo e/ou positivo – nas experiências dos discentes diz respeito à figura do professor, seja dentro de sala de aula, em relação à didática, quanto fora dela no que diz respeito ao relacionamento estabelecido.

O estudo de Oliveira *et al.* (2014) ao investigar a percepção de universitários sobre a relação professor-aluno e as influências dessas relações nas experiências vivenciadas pelos discentes, constatou o papel fundamental que os docentes podem exercer na quebra das expectativas dos alunos em relação ao curso, à profissão e à figura docente.

O ambiente universitário possui uma dinâmica distinta do Ensino Médio. O Ensino Superior exige maior autonomia, organização e autogerenciamento dos alunos que não têm mais figuras autoritárias, como frequentemente são vistos – erroneamente – os professores, os diretores e os demais profissionais da coordenação pedagógica. No novo ambiente, o professor apresenta conteúdos e faz indicações de leituras, não apresentando mais o conteúdo pormenorizado como no Ensino Médio, cabendo ao aluno protagonizar o seu processo de aprendizagem.

Contudo, a didática do professor universitário, a forma como apresenta os conteúdos, instrumentos e as técnicas utilizadas, influenciam a relação do aluno com a disciplina. Há relatos, na literatura consultada, de discentes que condicionam a realização ou não da matrícula em determinada disciplina ao docente que irá ministrá-la (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Assim, cada vez mais conscientes da heterogeneidade do público universitário, das dificuldades enfrentadas por eles e da sua própria responsabilidade, as Instituições de Ensino Superior – IES têm buscado incentivar o aperfeiçoamento de seu corpo docente. Trabalhos que buscam investigar experiências universitárias apontam aspectos relacionados aos professores como fundamentais nessas experiências. A didática é citada como o fator que mais recebeu comentários negativos, bem como a ausência de diversificação das práticas pedagógicas nesse ambiente de ensino (PIMENTA; ALMEIDA, 2009; BARDAGI; HUTZ, 2012; OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Em “Pedagogia Universitária”, livro lançado por professoras da USP em que, a partir de uma política de valorização da graduação implantada pela Pró-reitoria de Graduação, as autoras relataram experiências de formação continuada com professores universitários a partir da criação de Grupos de Apoio Pedagógicos (GAPs). Esses grupos realizaram encontros em que temas relacionados à docência eram discutidos. Neles, o predomínio da preferência por projetos relacionados à pesquisa em detrimento ao ensino transparece entre os desejos dos professores, principalmente os mais novos na instituição (PIMENTA; ALMEIDA, 2009).

As discussões realizadas possibilitaram uma investigação, bem como um aprofundamento sobre o tema. Assim, as professoras, Pimenta e Almeida (2009), notaram aspectos institucionais que favoreciam tais construções, pois o processo de pesquisa está diretamente relacionado às publicações, essas últimas exercendo impactos diretos nos salários dos docentes. Ou seja, o próprio funcionamento institucional desestimulava o foco no ensino. A partir disso, os grupos buscaram estratégias para mudar a situação, entre as estratégias, houve o incentivo, por meio da disponibilização de 800 bolsas de iniciação científica, às pesquisas que investigassem o tema da docência, envolvendo, assim, professores e alunos (PIMENTA; ALMEIDA, 2009).

Da mesma forma, a partir da constatação do pouco conhecimento sobre o ensino por parte dos professores universitários que, não raramente, atuavam baseados nos professores que tiveram durante sua trajetória, ou seja, em outro momento histórico e caracterizando, assim, um leque limitado de possibilidades, outra atividade realizada pelos grupos foi a organização de cursos de Pós-graduação em Docência no Ensino Superior a fim de propiciar atualização das teorias e técnicas envolvidas no processo de ensino (PIMENTA; ALMEIDA, 2009).

Dessa forma, compreende-se que tão importante quanto à relação professor-aluno é o acolhimento institucional. Este fator, que pode ser decisivo na permanência dos estudantes no ambiente educativo, não se resume aos serviços assistenciais, como foi observado na literatura analisada. As relações estabelecidas com colegas de turma, com professores e coordenadores, bem como a grade curricular do curso contribuem para a sensação de pertencimento sentida pelo graduando, assim como para sua permanência (PIMENTA; ALMEIDA, 2009; BARDAGI; HUTZ, 2012; OLIVEIRA *et. al*, 2014).

Dessa forma, os estudos apontam a oferta de disciplinas introdutórias que abranjam aspectos relacionados à prática profissional e a oferta de estágios profissionalizantes em períodos iniciais do curso como elementos importantes no processo de enfrentamento da evasão, visto que promovem a integração do alunado com o curso. Outro ponto observado refere-se à importância da orientação profissional no ambiente universitário. Sugerem ainda a criação de políticas que fortaleçam a identidade docente nos cursos de licenciatura (NEVES; ALLAIN, 2017), bem como a elaboração de formas de acolhimento aos alunos que trabalham e estudam (VALORE; FERRARINI, 2010).

Outrossim, a preparação para adentrar a universidade – participação em processos de orientação profissional, conhecer o curso, conhecer a instituição – são aspectos que podem minimizar os impactos negativos desse processo. Esses elementos serão abordados na sessão

seguinte (MOURA; MENEZES, 2004; VALORE; FERRARINI, 2010; PINHEIRO; OLIVEIRA, 2012; CAMPOS; SEHNEM, 2015).

4.2.4 ASPECTOS PESSOAIS

*“NÓS NÃO TEMOS TODO TEMPO DO MUNDO
E ESSE MUNDO JÁ FAZ MUITO TEMPO
O FUTURO É O PRESENTE
E O PRESENTE JÁ PASSOU
O FUTURO É O PRESENTE
O PRESENTE JÁ PASSOU”
PITTY – SEMANA QUE VEM*

Nessa categoria inserem-se questões relacionadas às reprovações em disciplinas do curso, desconhecimento de si, da futura profissão e do mercado de trabalho. Esses aspectos compareceram em todos os artigos analisados (MOURA; MENEZES, 2004; BARDAGI; HUTZ, 2009; VALORE; FERRARINI, 2010; PINHEIRO; OLIVEIRA, 2012; CAMPOS; SEHNEM, 2015; NEVES; ALLAIN, 2017; CAMPOS; MAIA; ALVES, 2018).

A sociedade contemporânea é marcada pela aceleração que se manifesta nas relações, na busca por resultados, na expectativa de rápida de ascensão social e financeira e, como consequência, na baixa tolerância à frustração. Essas características ecoam no ambiente acadêmico, onde o erro – representado pelas reprovações – é compreendido como perda de tempo ou fracasso. Logo, esses fatores que influenciam o processo de saída do curso universitário (ARAÚJO; CILONI, 2003).

O desejo pela rápida ascensão social e demais características da sociedade atual comparecem nos jovens graduandos no momento da escolha profissional, conforme demonstram os resultados encontrados por Valore e Ferrani (2010, p. 395):

“Foi um curso de baixo score, eu tinha que entrar por causa da situação econômica também, eu tinha que entrar, tinha que entrar e entrar, porque não havia outra alternativa na época. Eu ia fazer Direito daí eu falei “Não! Eu já tou com 19 anos, tinha que ter entrado com 17, entrei com 19” (...) Foi meu desespero sabe? Então era muita pressão assim: “Ah, eu tenho que entrar com 17 anos!” (aluna de Química do 3º ano, prestou dois vestibulares para o curso de Direito).

Quanto às reprovações, Araújo e Ciloni (2003) realizaram uma pesquisa em um curso de engenharia elétrica, objetivando compreender a relação entre as representações sociais sobre as reprovações nesse curso e suas repercussões nas interações aluno-professor, bem como no processo de ensino e de aprendizagem. Os autores pontuaram, a partir dos depoimentos coletados, que a frustração, o desestímulo e o descontentamento com o curso são alguns dos impactos resultantes das repetidas reprovações, assim como a evasão.

Sales Júnior et. al (2016), ao utilizar tabelas de contingência e um modelo de regressão logística compararam dois grupos de alunos, aprovados e reprovados, e elencaram sete fatores que influenciaram no processo de evasão dos estudantes de seus cursos, entre eles estava o número de reprovações em disciplinas.

Segundo Sales Júnior et. al (2016, p. 502):

[...] quando comparado a um aluno que não foi reprovado nenhuma vez, estudantes que foram reprovados uma ou duas vezes têm em média 2,1 vezes a chance de evasão dos primeiros; estudantes reprovados de três a cinco vezes têm em média 7,4 vezes; estudantes reprovados de seis a dez vezes têm em média 15,8 vezes; finalmente, estudantes que foram reprovados em mais de dez disciplinas têm em média 62,8 vezes a chance de evasão que um aluno que não reprovou em nenhuma disciplina.

Nesse sentido, tendo as reprovações como um dos sinalizadores para o processo de saída de curso universitário, tem crescido o número de publicações que apresentam disciplinas como “pré-cálculo”, considerando essa uma matéria que apresenta elevado índice de reprovações, como alternativas para diminuir as reprovações e, conseqüentemente, retenções e evasões (ALVES; GUIMARÃES; PIMENTA, 2018; BELLETTINI; SOUZA, 2018; MORAES et. al, 2019).

As reprovações no âmbito universitário podem ser consequência direta da falta de conhecimento acerca da profissão escolhida, resultado de um tímido comportamento exploratório no processo de escolha. Assim, ela ocorre baseada em idealizações sobre o curso e a carreira. Aspectos que devem ser levados em consideração ao discutir fenômenos como o da reopção de curso, visto ser fator comumente citado em artigos sobre o tema (MOURA; MENEZES, 2004; VALORE; FERRARINI, 2010).

O estudo de Moura e Menezes (2004, p. 40), que consistiu em um levantamento de informações acerca de pessoas que se consideravam insatisfeitas com sua opção profissional, resultou em quatro grupos sendo que, o grupo número quatro, apresentou informações interessantes sobre as reprovações:

Tal fato indica que a problemática vivenciada pode não estar relacionada à escolha realizada, mas ao desempenho acadêmico. É provável que os indivíduos estejam avaliando estas reprovações como sinais de fracasso, incompetência, inabilidade ou incompatibilidade com a profissão escolhida. Problemas com o progresso acadêmico são aspectos considerados como barreiras que dificultam o momento de re-escolha profissional, e podem se tornar impeditivos a determinadas opções profissionais (Lent e colaboradores, 2002; Magalhães & Redivo, 1998; Hotza & Lucchiari, 1998). Analisar, pois, a problemática da dificuldade de acompanhamento nas disciplinas, parece ser um elemento importante em programas voltados a esta população.

Nesse sentido, Bardagi e Hutz (2009) investigaram a percepção de alunos evadidos acerca dos motivos que os levaram a tomar essa decisão. Os pesquisadores verificaram a fragilidade na escolha inicial, fruto de escassa atividade exploratória, resultando em tomadas de decisões baseadas em concepções pouco realistas sobre as profissões e a decisão de evadir tomada de forma impulsiva. Os resultados obtidos quanto às expectativas irrealistas e o despreparo dos graduandos para adentrar no Ensino Superior foram consoantes aos demais estudos consultados (MAGALHÃES; REDIVO, 1998; MOURA; MENEZES, 2004; BARDAGI; HUTZ, 2009; VALORE; FERRARINI, 2010; CAMPOS; SEHNEM, 2015).

Moura e Menezes (2004, p. 135) em seu estudo sobre a reopção de curso, apresentaram falas de seus entrevistados que ilustram o desconhecimento quanto aos cursos escolhidos:

“Eu esperava que fosse um pouco mais “fácil”, mas ele é um curso bem focado na área de Elétrica, é muita conta, é muito cálculo, e eu acho que isso não é uma coisa pra mim. É, não era aquilo que eu esperava mesmo. (S1).

Eu achei que era totalmente diferente, daí comecei a primeira fase e a gente não trabalhava, por exemplo, de você ver alguma coisa naquilo que você escolheu, era só cálculo, cálculo e você não conseguia ver nada de prático [...] daí eu já não queria mais nessa área, já via que não era aquilo que eu queria. (S4).

Um sonho era ser jogador de futebol, daí eu tendo o curso de Educação Física achei que podia crescer nessa área, tendo conhecimentos, conhecer pessoas que podiam me levar até um clube [...] (S5). (informações verbais)” (MOURA E MENEZES, p. 135, 2004).

As falas dos entrevistados por Dias e Soares (2012, p. 276) seguem o mesmo perfil acerca das escassas informações que embasam as escolhas dos entrevistados:

ANA: – Quando eu entrei no curso, eu não fazia ideia do que era o serviço social.

BIA: – Porque a minha prima fazia, e eu... meio que gostei do nome assim...

Ou ainda BARA: – Eu tinha optado por... na verdade... eu não sabia o que eu queria, até o terceiro ano.

BONO: – ... Quando eu entrei no curso, eu não fazia ideia do que era.

A escolha do curso universitário, além de direcionar a rotina vivenciada pelo indivíduo nos próximos anos de sua vida, também, influencia a visão de futuro que ele terá. Os planos e projetos para a vida pós-universidade são influenciados a partir da percepção que o estudante possui do estilo de vida dos profissionais formados na área (BARDAGI; HUTZ, 2009).

Esse planejamento, que se inicia na escolha do curso e baseia-se nas idealizações existentes nesse momento, vai sendo lapidado durante o decorrer da graduação, o que pode caracterizar um choque entre as expectativas e a realidade percebida a partir da vivência no curso e do contato com profissionais da área. A partir desse momento, podem surgir dúvidas, frustrações e medos que levem o estudante a repensar sua escolha (BARDAGI; HUTZ, 2009).

Todavia, vários estudos sobre a reopção, e sobre a evasão de maneira geral, pontuaram o desejo dos estudantes por retornar ao ambiente universitário, fator que os leva, muitas vezes, a dar prosseguimento à graduação, mesmo que não desejem atuar na área (MOURA E MENEZES, 2004; VALORE; FERRANI, 2010).

Nesse sentido, Moura e Menezes (2004) realizaram um levantamento quanto à questão da insatisfação com o curso de graduação com 21 estudantes inscritos em um programa de orientação profissional, a fim de investigar quais elementos que os levaram a repensar sua escolha. A partir dos resultados obtidos, as autoras dividiram dos dados por grupos de respostas, nos quais o grupo com a maior porcentagem era composta por indivíduos que pretendiam concluir o curso em que estavam, mas com dúvidas quanto à posterior atuação em suas áreas.

As falas dos entrevistados por Valore e Ferrani (2010, p. 396) corroboram os achados de Moura e Menezes (2004):

“Gosto da área, mas não pra trabalhar, mais um hobby assim né? Me identifico com algumas partes, mas não com a vida profissional de engenheiro agrônomo e com a vida do campo e eu não...não sabia disso...só foi vivenciando mesmo como estudante. (aluno de Agronomia do 2º ano)”.

O desejo de permanecer no ambiente acadêmico e de possuir um diploma, mesmo que não seja no curso desejado pode ser reflexo das características da sociedade atual que atrela o diploma universitário ao *status* proporcionado por ele, o vê como forma de ascensão pessoal, social e financeira, ou seja, o diploma como passaporte (HARPER *et. al*, 1986; BARDAGI; HUTZ, 2009).

Magalhães e Redivo (1998, p.9), sobre o processo de reopção de curso, afirmam em seus resultados que:

O desejo de frequentar um curso superior é acompanhado de expectativas de independência, status, e facilidade com relação à empregabilidade. Os sujeitos relataram que com o término do curso superior esperam melhorar o seu padrão de vida, o que possibilitará a satisfação das necessidades de lazer e consumo, assim como de independência e auto realização.

Bardagi e Hutz (2009, p.40) pontuaram:

Os alunos parecem não se sentir autorizados, em função da oportunidade recebida de estar no ensino superior, do investimento emocional e financeiro, da expectativa familiar e das próprias aspirações profissionais, a estarem insatisfeitos ou pensarem em não concluir seus cursos. Isso mostra que a valorização da posição de aluno universitário, o compromisso com a graduação e o receio de desapontar pais e amigos pressiona o aluno a esconder suas dúvidas e inseguranças e postergar o abandono do curso.

Quanto à perspectiva vislumbrada a partir da carreira propiciada pelo curso em questão, Magalhães e Redivo (1998, p. 10) evidenciaram as preocupações dos estudantes em processo de reopção quanto ao “padrão de vida no futuro, e valorizaram, em suas escolhas, a inserção no mercado e o retorno financeiro”. Nesse sentido, a informação profissional – sobre o mercado de trabalho e as opções existentes – constitui pilar importante no processo de orientação profissional, e potencial para alterar o cenário da desinformação, impactando no processo de escolha.

As informações podem ser passadas de distintas maneiras, palestras, jogos, excursões, enfim, diversas formas possíveis de serem realizadas no âmbito escolar, contudo, projetos nessa modalidade ainda aparecem de maneira tímida, principalmente no âmbito das políticas públicas, refletindo na quase inexistência, na estrutura da educação básica, especialmente na rede pública, de projetos voltados para o planejamento de carreira, desenvolvimento de competências que auxiliem os indivíduos no processo de escolha e adaptação universitária, impactando no futuro dos estudantes (SOUSA, 2005; BARDAGI; HUTZ, 2009; MALKI, 2015).

Sobre o tema, Sbardelini (2001, p. 95) pontua:

O próprio concurso Vestibular para o ingresso na Universidade, é um dos exemplos mais ilustrativos da irrealidade que o processo educativo vivência. Os pelo menos onze anos de escolaridade que precedem a entrada no ensino superior, pouco ou nada preparam o indivíduo para a realidade que o cerca. O jovem, ao terminar o ensino médio praticamente nada adquiriu de útil em sua vida escolar, para o seu cotidiano. Obteve até então uma acumulação de conhecimentos que só serviram para deixá-lo melhor (ou pior) preparado para a concorrência a enfrentar no Vestibular. Em outros termos, como afirma Bohoslavsky (1983), há o divórcio entre o saber e o fazer, entre o conhecimento e a ação, entre a Universidade e a realidade.

Nesse sentido, tem-se uma contradição no sistema educacional, conforme apontado pelos autores, visto que a escola prepara, de forma conteudista, o aluno para adentrar o ambiente acadêmico, entretanto, não o prepara para a escolha a ser feita. Assim, percebe-se o impacto da decisão realizada de forma pouco embasada no percurso formativo do graduando. A importância do “saber escolher” faz-se cada vez mais evidente, o que se reflete no volume de pesquisas sobre o tema (MAGALHÃES; REDIVO, 1998; BARDAGI; HUTZ, 2009; MALKI, 2015).

Dessa forma, é possível encontrar na literatura relatos de projetos de Orientação Profissional voltados ao preparo para a realização da escolha em cursinhos universitários (WHITAKER, 2010), serviços de clínica-escola em universidades (AMARAL *et. al*, 2012), assim como nas escolas, realizados de maneira pontual ou mesmo curricular (FROTA, 2017).

O conhecimento de si – autoconhecimento –, a escolha e as informações sobre os cursos e sobre o mundo do trabalho são elementos vastamente abordados pela Orientação Profissional (OP).

Feigel, Schuler e Luna, (2017), ao relatarem um processo de orientação profissional baseado na estratégia clínica de Bohoslavsky (2003), afirmaram que o processo de OP nessa perspectiva auxilia o orientando a conhecer sobre sua personalidade a fim de possibilitar o conhecimento de gostos, aptidões e interesses, propiciando, assim, a escolha de forma consciente.

Os autores pontuaram a importância da OP trabalhar para desenvolver a autonomia, por parte dos orientandos, para o processo de escolha, trabalhando os critérios, para que aqueles que não escolheram durante ou após o processo possam realizá-la posteriormente (FEIGEL; SCHULER; LUNA, 2017).

Os critérios de escolha dizem respeito a um conjunto de elementos que são considerados importantes, pelo orientando, e que os norteiam nos momentos decisivos. Eles sempre estão presentes nos momentos em questão, mesmo que de forma inconsciente, como nas escolhas realizadas de forma impulsiva ou mesmo quando se afirma não haver utilizado critérios (FEIGEL; SCHULER; LUNA, 2017).

Feigel; Schuler; Luna (2017, p. 232):

[...] acreditamos que não é possível escolher sem utilizar nenhum tipo de critério, até porque o homem está sempre escolhendo e mesmo quando escolhe não escolher isso ainda é uma escolha (SARTRE, 2012; SOARES, 2010). Portanto, “escolher sem critérios”, neste caso, é tornar a ausência de critérios um importante critério de escolha.

Nesse sentido, a partir da perspectiva sócio-histórica, Aguiar (2006, p. 12) reflete acerca do termo “vocaçãõ”, visto que a palavra remete a algo dado, predestinado, naturalizado, negando, assim, a historicidade humana. Dessa forma, “a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção” (AGUIAR, p. 12, 2006) fazem parte da construção subjetiva dos sujeitos, logo, é fator que deve ser considerado no estudo das vivências humanas, como a reopção de curso.

Homem e sociedade vivem uma relação de mediação, em que um expressa e contém o outro, sem se diluírem e sem perderem sua singularidade. Vivem a dialética inclusão-exclusão, ou seja, vivem uma relação na qual indivíduo e sociedade se incluem e se excluem ao mesmo tempo. Afirmamos que se incluem por entender o indivíduo, como lembra Vygotski (2001a), como “quase o social”, como aquele que em todas as suas ações tem sempre uma colaboração anônima. Quando afirmamos que se excluem, entendemos que eles se diferenciam e, com isso, reiteramos a singularidade do sujeito que, ao se manter assim, cria a possibilidade de colocar o novo no social (AGUIAR, p. 12, 2006).

No âmbito das políticas públicas, vale ressaltar o movimento dos conselhos profissionais como o de psicologia e do serviço social em prol da inserção desses profissionais nas instituições educativas – manifestada no Projeto de Lei 3.688/2000, que “dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de assistência social nas escolas públicas de educação básica” (BRASIL, 2000) – o que proporcionaria, possivelmente, a construção de projetos curriculares voltados, entre outras possibilidades, para a orientação profissional.

A partir do exposto, percebe-se a falta de informação, a desconhecimento de si e a baixa tolerância à frustração como elementos encontrados pelas pesquisas na área da reopção (MOURA; MENEZES, 2004; VALORE; FERRARINI, 2010; PINHEIRO; OLIVEIRA, 2012; CAMPOS; SEHNEM, 2015).

A orientação profissional, a partir do desenvolvimento de competência para a realização da escolha consciente e crítica dos diversos fatores intervenientes (BOCK, 2002; AGUIAR, 2006) apresenta-se como uma possibilidade na prevenção do fenômeno da reopção de curso no Ensino Superior, assim como um instrumento de auxílio para os que se encontram em processo de reopção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou sistematizar – a partir da identificação do perfil das publicações e da sistematização dos aspectos abordados por estudiosos do assunto – a produção científica sobre a reopção de curso no Ensino Superior publicada no período de 2004 a 2019. Pode ser caracterizada como um indicador dessas produções, propiciando reflexões e, assim, contribuindo para a elaboração de projetos e programas que atuem na diminuição da evasão universitária, visto que a democratização do ensino não se encerra apenas na ampliação do acesso, sendo necessário também propiciar condições de permanência ao alunado (ZAGO, 2006).

Nessa pesquisa, foi possível identificar nas publicações aspectos macro – institucionais – que demandam mudanças estruturais no funcionamento das instituições educativas. Esse ponto é condizente com o fenômeno em questão, visto que ele impacta financeiramente o país. Ainda nesse âmbito, as relações estabelecidas entre os atores presentes no contexto acadêmico também foram evidenciadas, considerando seu potencial para favorecer ou não o processo de reopção. O papel dos docentes enquanto representantes da profissão almejada e as questões didáticas, relacionadas à condução das atividades acadêmicas destacaram-se dentre os aspectos institucionais que influenciaram os discentes em relação à reopção de curso.

A implementação de serviços de apoio ao estudante foi apontada como possível ação institucional para o suporte no processo de reopção de curso. A Orientação Profissional e de Carreira possui amplo arcabouço teórico e metodológico que pode direcionar e orientar a criação de tais serviços (BARDAGI; HUTZ, 2009; VALORE; FERRARINI, 2010).

A importância do núcleo familiar no processo de escolha e, especificamente, da reescolha, também, foi observada. A família constitui fundamental fonte de apoio e acolhimento, contudo, também, pode ser fonte de pressão diante do abandono de um curso. A dinâmica familiar pode impactar negativamente nesse processo, pois se observou que o processo de reopção é envolto pelo medo de decepcionar as figuras de referência, pais e irmãos.

A terceira e última, categoria analisada abordou aspectos pessoais – o desconhecimento de si, da profissão e do mercado de trabalho, aspectos relacionados à baixa tolerância à frustração, ausência de preparo para momento decisivos, bem como baixo estímulo ao comportamento exploratório. Esses elementos podem evidenciar, dentre outros

aspectos, uma lacuna no sistema de ensino, sinalizando a reopção de curso como terreno fértil para investigações e elaboração de projetos que busquem desenvolver competências necessárias para a tomada de decisão.

O presente trabalho não objetivou investigar toda a literatura, bem como as discussões sobre o tema da reopção de curso no Ensino Superior. Uma das limitações observadas no estudo foi a restrição da busca a artigos, excluindo dissertações, teses e demais modalidades de documentos.

Além disso, os elementos foram separados a fim de sistematizar os aspectos encontrados, assim como facilitar a discussão. Todavia, sabe-se que eles exercem, simultaneamente, influência no processo de escolha e demais âmbitos da vida dos sujeitos.

Não obstante, as limitações apontadas, considerou-se que a pesquisa atingiu os objetivos estipulados. Em investigações futuras sugere-se a realização de pesquisas sobre a temática da reopção de curso no Ensino Superior que incluam distintas modalidades de publicações sobre o tema. Além disso, considerando a potencialidade do fenômeno em tela, indica-se, também, a adoção de métodos que investiguem os impactos a longo prazo na vida dos sujeitos e estudos acerca de ações preventivas.

REFERÊNCIAS

- ABADE, F.L. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Rev. bras. orientac. prof.** v.6, n.1, p. 15-24, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100003 Acesso em 15 set. 2019.
- AGUIAR, W. M. J. A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. **Psicol. educ.** [online]. n.23, p. 11-25, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200002 Acesso em: 16 ago. 2019.
- AMARAL, A. E. V.; LUCA, L.; RODRIGUES, T.C.; LEITE, C.A.; LOPES, F.L.; SILVA, M.A. Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. **Bol. Psicol.** v.62, n.136, p. 37-52, 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005 Acesso em 12 Out. 2019.
- AMBIEL, R.A.M ; CAMPOS, M.I. Análise da Produção Científica Brasileira em Orientação Profissional: Um Convite a Novos Rumos. **Psico.** USF, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 133-145, 2017. Disponível em: [www.scielo.br http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220112](http://www.scielo.br/http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220112) >. Acesso em: 10 ago. 2019.
- ANDRADE, F. A; ESQUINCALHA, A. T. O. O pré-cálculo nas licenciaturas em matemática das instituições públicas do Rio de Janeiro: o prescrito. **Revista Eletrônica Vidya.** v.39. n.1, 2019.
- ALMEIDA, L. S. e SOARES, A. P. “Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial”. In: MERCURI, E. POLYDORO, S. A. J. (orgs.). *Estudante universitário: características e experiências de formação*. Taubaté, SP: Cabral Ed. e Livraria Universitária, 2003.
- ALMEIDA, J. B.; SCHIMIGUEL, J. Avaliação sobre as causas da evasão escolar no ensino superior: estudo de caso no curso de licenciatura em física no Instituto Federal do Maranhão. **Rencima**, v. 2, n. 2, p. 167-178, jul/dez. 2011.
- ALMEIDA, M. E. G. G.; MAGALHÃES, A. S. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 12, p. 205-214, 2011.
- ALVES, A.C; GUIMARÃES, L.M; PIMENTA, T.S. A utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) como ferramenta para minimizar os altos índices de retenção e evasão na disciplina de função de uma variável (cálculo I) no BCT/UFVJM. IN: Simpósio: Tecnologias, e educação à distância no Ensino Superior. **Anais.** UFVJM, v.1. n.1. 2018.
- AMBIEL, R. A. M. Construção da Escala de Motivos para Evasão do Ensino Superior Avaliação Psicológica, **Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica** v. 14, n. 1, p. 41-52, 2015.

- ANDRADE, J.M. de; MEIRA, G. R. de J. M; VASCONCELOS, Z. B. de. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 22, n. 3, p. 46-53, 2002 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 Out. 2019.
- ANTUNES, M. A. M. Psicologia e Educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In: M. E. M. MEIRA.; M. A. M. ANTUNES (Orgs.), **Psicologia escolar: teorias críticas**. 1ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, v. 1, p. 139-168.
- ARAÚJO, L. S. A.CILONI, A.D. Práticas e Representações Sociais sobre reprovação: um estudo no curso de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Uberlândia. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, 2003, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, 2003.
- BACAL, M. E. A. ; MAGALHÃES, A. S. ; FÉRES-CARNEIRO, TEREZINHA . Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação. **Psico (PUCRS. Impresso)**, v. 45, p. 454-462, 2014
- BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Rev. abordagem gestalt**, v.18, n.2, p. 188-196, 2012
- BARDAGGI, M. P. ; HUTZ, C. S. Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira. **Psi. Rev.**, v. 14, n. 2, p. 279 - 301, 2005.
- BARDAGGI, M. P. ; HUTZ, C. S. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: Impacto na evasão universitária. **Psico (PUCRS. Impresso)**, v. 43, p. 174-184, 2012.
- BARDAGI, P. M; HUTZ, C. S. "Não havia outra saída": percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. **Psico - USF**, v. 14, n. 1, p. 95-105, 2009.
- BARIANI , I. C.D. ;BUIN, E; BARROS, R. C.; ESCHER, C. A. Psicologia escolar e educacional no ensino superior: análise da produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**. 2004 v. 8 n. 1, p. 17-27. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v8n1/v8n1a03.pdf> >Acesso em: 23 out. 2018.
- BARLEM, J.G.T; LUNARDI, V.L; BORDIGNON, S.S; BARLEM, E.L.D; FILHO, W.D.L; SILVEIRA, R.S; ZACARIAS, C.C. Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre. v.33 n. 2, p.132-138, 2012.
- BELLETTINI, M. T.; SOUZA, S. A implantação da disciplina de pré-cálculo como política pedagógica de permanência nos cursos de graduação do centro tecnológico da UFSC. In: XVIII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, 2018, **Anais...** Florianópolis. 2018.
- BISINOTO, C.; MARINHO, C. E ALMEIDA, L. A atuação da psicologia escolar na educação superior: algumas reflexões. **Revista portuguesa de pedagogia**. v. 45, n.1, p. 39-55, 2011.

BISINOTO, C., & MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar na educação superior: atuação no distrito federal. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n.1 p., 111-122, 2011.

BLOWER, A.P. Enem: confira universidades no exterior que aceitam o exame na admissão. **OGLOBO**. São Paulo, 13 set. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/enem-confira-universidades-no-exterior-que-aceitam-exame-na-admissao-23054792>> Acesso em: 20 set. 2018.

BOCK, S. D. (2002). **Orientação profissional** – A abordagem sócio-histórica. São Paulo, Cortez.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 11. Ed. São Paulo: M. fontes, 2003.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; LISBÔA, E. S.; COUTINHO, C. P. Google Educacional: Utilizando Ferramentas Web 2.0 em Sala de Aula. **Revista Educaonline**, v. 5, p. 17-44, 2011.

BRASIL, V; FELIPE, C; NORA, M. M; FAVRETTO, R. Orientação Profissional e planejamento de carreira para universitários. **Caderno Acadêmico**. Santa Catarina, v.4, n. 1, p 117-131, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. Lei nº 10.172 de 09 de janeiro de 2001. **Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Portal da Legislação. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 2001.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diplomação, Retenção e Evasão no Cursos de Graduação em Instituições de Ensino Superior Públicas*, 1996.

BRASIL. Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010. **Programa Nacional de Assistência Estudantil — PNAES**. BRASIL. Portaria normativa nº 21, de 5 de novembro de 2012.

Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Seção 1, p. 8-9, 2012
BRASIL. CONGRESSO NACIONAL. Projeto de lei n.º 3.688, 2000.

CASAES, V. Índice de troca ou abandono de curso em faculdades equivale à metade dos ingressantes. **Educamais**: 2018. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/indice-de-troca-ou-abandono-de-curso-em-faculdades-equivale-a-metade-dos-ingressantes> Acesso em: 12 out. 2018.

CAMPOS, D. M.; MAIA, J.H. M.; ALVES, S.C.A. A reescolha profissional: um estudo com universitários em sua reopção de curso. In: Maria Célia Pacheco Lassance & Rodolfo A. Mateo Ambiel. (Org.). **Investigação e Práticas em Orientação de Carreira: cenário 2018**. 1ed. Porto Alegre: ABOP, v. 1, p. 299-306, 2018

CAMPOS, C. A.; SEHNEM, S. B. 'Não era aquilo que eu queria...': um estudo com universitários que vivenciaram a reescolha de curso. **Pesquisa em Psicologia**, v. 1, p. 131-142, 2015.

COSTA, A.B.; SOARES, D.H.P. Orientação Psicológica para a Aposentadoria. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 9, n. 2, p. 97-108, 2009.

D'AVILA, Geruza Tavares *et al* . Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicol. Soc.**, Florianópolis , v. 23, n. 2, p. 350-358, ago. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 out. 2019.

DIAS, M. S. L. ; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicol. cienc. prof.**, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012

DUARTE, M. E. Um século depois de Frank Parsons: escolher uma profissão ou apostar na psicologia da construção da vida?. **Rev. bras. orientac.**, v.10, n.2, p. 5-14, 2009. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200003 > Acesso em 10 out. 2019.

ERIKSON, E. (1976). **Identidade, juventude e crise** (2.ed). Rio de Janeiro: Zahar.
ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco ao homem. In: ANTUNES, Ricardo (Org). *A Dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FEIGEL, G. ; SCHULER, J. L. X. ; LUNA, IÚRI NOVAES. Trabalhando critérios de escolha com jovens em orientação profissional. In: Marilu Diez Lisboa; Dulce Helena Penna Soares. (Org.). **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. 1ed. São Paulo: Summus, v. 1, p. 227-255, 2017.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FEIGEL, G. ; SCHULER, J. L. X. ; LUNA, IÚRI NOVAES . Trabalhando critérios de escolha com jovens em orientação profissional. In: Marilu Diez Lisboa; Dulce Helena Penna Soares. (Org.). **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. 1ed.São Paulo: Summus, 2017, v. 1, p. 227-255

FROTA, A. K. F. T. Orientação profissional curricular: um modelo possível. In: Marilu Diez Lisboa; Dulce Helena Penna Soares. (Org.). **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores**. 1ed.São Paulo: Summus, 2017, v. 1, p. 187-204.

HARPER, B.; CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D. de; OLIVEIRA, R. D. de. **Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 22. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

INCERTI, T. G. V.; TAVARES, V. S. SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA: DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR?. In: 6º Seminário Nacional de Estado e Políticas Sociais, 2014, Toledo. **Anais do 6º Seminário Nacional de Estado e Políticas Sociais**, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de->

imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam- apenas-o-ensino-fundamental-completo> Acesso em: 06 nov. 2018.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: A. Aberastury, & M. KNOBEL (Orgs.), **Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico** p. 24-62. Porto Alegre: Artmed., 1981.

LEDA, D. B.; MANCEBO, D. REUNI: heteronomia, precarização da universidade e do trabalho docente. **Educação e Realidade**, v. 34, p. 49-64, 2009.

LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. *et al*, (org). **Orientação Vocacional Ocupacional - 2. Ed.** – Porto Alegre: Artemed, 2010.

LEVENFUS, R.. S. **Orientação Vocacional e de Carreira em Contextos Clínicos e Educativos**. 1ª ed. Grupo A - Artmed . 2015

LIMA, T.F.C.; AMARAL RS ; NASCIMENTO, S. D. Assistência estudantil no IFMA campus São Luís Centro Histórico. In: I Encontro da Assistência Estudantil do Maranhão, 2017, São Luís. **Anais**. São Luís, 2017

SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. (2018). As diferentes abordagens em orientação profissional. **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores** v. 2, 1ª edição, p . 17-38, 2018.

MAGALHAES, M. O. Sucesso e fracasso na integração do estudante à universidade: um estudo comparativo. **Revista brasileira de orientação profissional**. v.14, n.2, p. 215-226, 2013.

MAGALHÃES, M.; REDIVO, A. Re-opção de curso e maturidade vocacional. **Revista Semestral Da Associação Brasileira De Orientadores Profissionais**. v.2, n.2, p. 7-28, 1998.

MALDONADO, S. ; SILVA, S. S. ; MONTEIRO, S. ; MAFFEI, A. M. Influências Familiares na Escolha Profissional. In: II Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG, 2014, Caxias do Sul. **ANAIS II Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG**. v. 2. p. 455-463, 2013.

MALKI, Y. **A crise com o curso superior na realidade brasileira contemporânea: análise das demandas trazidas ao Núcleo de Orientação Profissional da USP**. 2015. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MANSANO, S. R. M. Para além da escolha profissional, experimentações intensivas. **Psicologia em revista**. v.17, n.1, p. 67-81, 2011.

MARTINEZ, A. M. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 169-177, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100020&lng=en&nrm=iso. acesso em 14 Out. 2019.

MELO-SILVA, L. L.; LASSANCE, M. C. P.; SOARES, D. H. P. A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. **Rev. bras. orientac. prof** [online]. 2004, v.5, n.2, p. 31-

52. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902004000200005&script=sci_abstract&tlng=en Acesso em: 12 ago. 2019.

MORAES, U.C.; AZEVEDO, V. L.A.; VIEIRA, M.M.S; ABAR, C.A.A.P. Projeto pré-cálculo: reforço matemático para os cursos de engenharia em trilhas de aprendizagem do ensino híbrido. **Braz. Ap. Sci. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 269-281, 2019.

MOURA, F.R.; FACCI, M.G.D. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 503- 514, 2016.

MOURA, C.B; MENEZES, M.V. Mudando de Opinião: Análise de um Grupo de Pessoas em Condição de Re-escolha Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 5, n.1, p. 29-45, 2004.

NADAI, M. Cerca de 900 mil estudantes abandonam a faculdade antes de se formar. Guia do Estudante. 2017. Disponível em <<https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/cerca-de-900-mil-estudantes-abandonam-a-faculdade-antes-de-se-formar/>>

NOGUEIRA, F. País perde R\$ 9 bilhões com evasão no ensino superior, diz pesquisador. **G1**. São Paulo, fev. 2011. Disponível em < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/02/pais-perde-r-9-bilhoes-com-evasao-no-ensino-superior-diz-pesquisador.html>> Acesso em: 26 set. 2018.

NEVES, G. S., ALLAIN, L. R. Traçando as redes da evasão: identidade docente de egressos de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas. In: XI ENPEC :: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. 2017 **Anais...** Florianópolis, 2017 p. 1-8.

NEVES, M. M. ; TREVISAN, L. N. ; JOÃO, Belmiro do Nascimento . Carreira Proteana: Revisão Teórica e Análise Bibliométrica. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 13, p. 217-232, 2013.

OLIVEIRA, C. T; DIAS, A.C.G. Percepções parentais sobre sua participação no desenvolvimento profissional dos filhos universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol. 14, n. 1, p. 61-72, 2013.

OLIVEIRA, T. C.; WILES, J.M; FIORIN, P. C; DIAS, A. C. G. Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor - aluno. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 2, p. 239-246, 2014.

OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. . Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. **Psico** (PUCRS. Online), v. 45, p. 187-197, 2014.

PEREIRA, K. A.; MONTENEGRO, A. V. . Departamento de Assistência Estudantil de uma Universidade Federal: um relato de experiência. In: I Encontro da Assistência Estudantil do Maranhão, 2017, São Luís. **Anais...** São Luís, 2017.

PEREIRA, A.S.; CHAVES, M.H.W.; GALVÃO, C. Orientação Profissional no Programa Adolescente Aprendiz em uma ONG de Porto Alegre. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 5, n. 2, p. 133-136, 2013.

PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. M. (orgs). *Pedagogia Universitária - Caminhos para a formação e Professores*. São Paulo, editora Cortez, São Paulo: 2009.

PINHEIRO, I. P. ;OLIVEIRA, N.H. Evasão nos cursos de engenharia do cefet-mg e mobilidade entre as instituições de ensino superior. In: *engenharia: múltiplos saberes e atuações*. **CONBENGE**. 2014, p.1-12

PINTO, T.M.G. ; CASTANHO, S. M. I. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 29, n. 3, p. 395-413, 2012.

POLYDORO, S. A. J. **Trancamento de matrícula na trajetória acadêmica do universitário: condições de saída e de retorno à instituição**. 2000. Tese - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253539>> Acesso em: 15 fev. 2019.

PROGRAMA DE FINANCIAMENTO ESTUDANTIL. **O que é FIES?** Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies>> Acesso em 13 out. 2018.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Orientação profissional: uma proposta de guia terminológico. In: RIBEIRO, Marcelo Afonso.; MELO-SILVA, Lucy Leal. (orgs.). **Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira**. São Paulo: Vetor, 2011.

RIBEIRO, M. A; UVALDO, M. C. C. Frank Parsons: Trajetória do pioneiro da orientação vocacional, profissional e de carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 8, n. 1, p. 19 – 31, 2007.

RIBEIRO, C. V. S.; LEDA, D. B. ; SILVA, E.P. A expansão da educação superior pública e suas implicações no trabalho docente. **Revista Educação em Questão** (UFRN. Impresso), v. 51, p. 147-174, 2015.

SALES JÚNIOR, J. S; BRASIL, G.H; CARNEIRO, T.C.J; CORASSA, M.A.C. Fatores Associados à Evasão e Conclusão de Cursos de Graduação Presenciais na UFES. **Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 24, p. 488-514, 2016.

SANTOS, A.S; SOUTO, D.C; SILVEIRA, K.S.S.; PERRONE, C.M.; DIAS, A.C.G. Atuação do Psicólogo Escolar e Educacional no ensino superior: reflexões sobre práticas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. v. 19, n. 3, p. 515-524, 2015.

SANTOS, A.S.; SOUTO, D.C.; SILVEIRA, K.S.S.; PERRONE, C.M; DIAS, A.C.G. Atuação do Psicólogo Escolar e Educacional no ensino Superior: reflexões sobre práticas. **Estudos de Psicologia**, 2015, v. 19, n. 3, p. 515-524, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00515.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

SANTOS JUNIOR, J.S.. REAL, Giselle Cristina Martins. A evasão na educação superior: o estado da arte das pesquisas no Brasil a partir de 1990. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 2, p.385-402, jul. 2017.

SBARDELINI, E.T.B. Identidade profissional e opção universitária. **Psicologia Escolar Educacional**, v.5, n. 1,p. 91-93, 2001.

SECO, G., ALVES, S., FILIPE, L., PEREIRA, A. P. ; DUARTE, A. L. Desenvolvimento de competências transversais no Ensino Superior: a experiência do Serviço de Apoio ao Estudante do Instituto Politécnico de Leiria. In NOUTEL, A.; BRUTTEN, E.; PIRES, G.; HUET, I. (Orgs). **Ensino Superior: Saberes, experiências e desafios**. Ideia Editora, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA FILHO, R. L. L. ; MOTEJUNAS, P. R.; HIPÓLITO, O. ; LOBO, M. B. C. M. A evasão no ensino superior brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, set/nov. v. 37, n.132, p. 641-659, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0737132.pdf>> Acesso em: 12 out 2018.

SILVA, I. P.P. ; OLIVEIRA, Nilza H. A evasão nos cursos de engenharia do CEFET-MG e mobilidade entre as instituições de ensino superior. In: Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia, 2014, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: COBEMGE, 2014.

SOARES, D. H. P.; SILVA, A. L. P. A Orientação Profissional como Rito Preliminar de Passagem: Sua Importância Clínica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n.2, p. 115-121, 2001.

SOARES, D. H. P. *et al.* Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 27, n. 4, p. 746-759, dez. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000400014&lng=pt&nrm=iso. acesso em 20 out. 2019.

SOARES, D. H. P. A escolha profissional do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

SOUSA, E. M. C. **Orientação Profissional nos Cursos de Graduação: Contribuições e Limites**. 2005. 68 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2005.

SPARTA, M. ; GOMES, W. B. Importância Atribuída ao Ingresso na Educação Superior por Alunos do Ensino Médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.6 , n. 2, p. 45 - 53, 2005.

SPARTA, M. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **Revista brasileira de orientação profissional**. 2003, v.4, n.1, p. 1-11.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). c1966-2019. Disponível em: <http://portais.ufma.br/PortalUfma/index.xhtml>> Acesso em: 12 ago. 2019.

UNESCO, CNE, MEC. **Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década: 2011-2020**. Brasília, p. 164, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n3/2175-3539-pee-19-03-00515.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

TEIXEIRA, M.A.P.; CASTRO, G.D.; PICCOLO, L.R. Adaptação à universidade em estudantes universitários: um estudo correlacional. **Interação em Psicologia**. V. 11, nº.2, p. 211 – 220, 2007.

VALORE, L. A.; FERRARINI, N. L. Escolha e identidade profissional: desafios e possibilidades na formação universitária. **Revista de Psicologia**, nº1, 2010.

VALORE, L. A.; CAVALLET, L.H.R. Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. **Psicologia & Sociedade**, n.2, v.24, págs. 354-363, 2012.

VASCONCELOS, K. C. A ; MERHI, D.Q ; GOULART, V.N. A Geração Y e Suas Âncoras de Carreira. **Revista Gestão Organizacional**. v.8 n. 2. p. 226-244, 2010.

VOSGERAU, D. S.A. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*. v. 14, n. 41, 2014.

WHITAKER, D. C. A. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: Um desafio para a Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. v. 11, n. 2, 2010.

YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. (Org.). Escritos sobre a profissão de psicólogos no Brasil. Natal: EDUFRN, 2010

ZAGO, N. Do acesso a permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.

ZAVAREZE, T. E. O Papel da Orientação Profissional na Escolha Profissional do Adolescente. **Psicologia.com.pt**, v. 1, p. 1-9, 2008.